

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO**

Igor de Oliveira Vasconcelos

Identidades em debate: uma análise da percepção das figuras do Empreendedor e do Sindicalista segundo discentes do Bacharelado em Administração da UFJF

Juiz de Fora

2026

Igor de Oliveira Vasconcelos

Identidades em debate: uma análise da percepção das figuras do Empreendedor e do Sindicalista segundo discentes do Bacharelado em Administração da UFJF

Monografia apresentada à Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito final à obtenção de grau de bacharel em Administração.

Orientador: Prof. Me. Rodrigo Vieira Ferreira

Juiz de Fora

2026

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Vasconcelos, Igor de Oliveira.

Identidades em debate: : uma análise da percepção das figuras do Empreendedor e do Sindicalista segundo discentes do Bacharelado em Administração da UFJF / Igor de Oliveira Vasconcelos. -- 2026.

85 p.

Orientador: Rodrigo Vieira Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, 2026.

1. Identidade empreendedora. 2. Identidade sindical. 3. Estigmatização. I. Ferreira, Rodrigo Vieira, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO

GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Formato da Defesa: () presencial (X) virtual () híbrido

Ata da sessão (X) pública () privada referente à defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Identidades em debate**: uma análise da percepção das figuras do Empreendedor e do Sindicalista segundo discentes do Bacharelado em Administração da UFJF, para fins de obtenção do grau de Bacharel em Administração, pelo(a) discente Igor de Oliveira Vasconcelos (matrícula 201646041), sob orientação do Prof. Me Rodrigo Vieira Ferreira, na Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ao 2º dia do mês de fevereiro do ano de 2026 , às 15 horas, de forma virtual, reuniu-se a Banca examinadora, composta pelos seguintes membros:

Titulação	Nome	Na qualidade de:
Mestre	Rodrigo Vieira Ferreira	Orientador
Doutora	Renata de Almeida Bicalho Pinto	Membro da banca
Mestre	Isabelle Carla Marques Guedes	Membro da banca

*Na qualidade de (opções a serem escolhidas):

- Orientador (a)
- Coorientador
- Membro da banca

AVALIAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Tendo o(a) senhor(a) Presidente declarado aberta a sessão, mediante o prévio exame do referido trabalho por parte de cada membro da Banca, o(a) discente procedeu à apresentação de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação e foi submetido(a) à arguição pela Banca Examinadora que, em seguida, deliberou sobre o seguinte resultado:

(X) APROVADO

() REPROVADO, conforme parecer circunstaciado, registrado no campo Observações desta Ata e/ou em documento anexo, elaborado pela Banca Examinadora

Nota:

Observações da Banca Examinadora caso haja necessidade de anotações gerais sobre o Trabalho de Conclusão de Curso e sobre a defesa, as quais a banca julgue pertinentes

Nada mais havendo a tratar, o(a) senhor(a) Presidente declarou encerrada a sessão de Defesa, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelos(as) senhores(as) membros da Banca Examinadora e pelo(a) discente, atestando ciência do que nela consta.

INFORMAÇÕES

Para fazer jus ao título de bacharel, a versão final do Trabalho de Conclusão de curso, considerado Aprovado, devidamente conferida pela Secretaria do Curso de Administração, deverá ser tramitada para o Repositório Institucional, dentro do prazo de 72 horas da realização da banca.

Juiz de Fora, 02 de fevereiro de 2026.

Assinatura digital dos membros da Banca Examinadora



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Vieira Ferreira, Professor(a)**, em 02/02/2026, às 17:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isabelle Carla Marques Guedes, Professor(a)**, em 02/02/2026, às 18:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renata de Almeida Bicalho Pinto, Professor(a)**, em 02/02/2026, às 18:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Igor de Oliveira Vasconcelos, Usuário Externo**, em 03/02/2026, às 12:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2843622** e o código CRC **6B3B2BB4**.

Igor de Oliveira Vasconcelos

Identidades em debate: uma análise da percepção das figuras do Empreendedor e do Sindicalista segundo discentes do Bacharelado em Administração da UFJF

Monografia apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração.

Aprovada em 02 de fevereiro de 2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Rodrigo Vieira Ferreira - Orientador

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Drª Renata de Almeida Bicalho Pinto

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof.ª Meª Isabelle Carla Marques Guedes

Universidade Federal de Juiz de Fora



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Vieira Ferreira, Professor(a)**, em 02/02/2026, às 18:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renata de Almeida Bicalho Pinto, Professor(a)**, em 02/02/2026, às 18:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Isabelle Carla Marques Guedes, Professor(a)**, em 03/02/2026, às 11:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2854186** e o código CRC **5A5351C0**.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

Termo de Declaração de Autenticidade de Autoria

Declaro, sob as penas da lei e para os devidos fins, junto à Universidade Federal de Juiz de Fora, que meu Trabalho de Conclusão de Curso é original, de minha única e exclusiva autoria e não se trata de cópia integral ou parcial de textos e trabalhos de autoria de outrem, seja em formato de papel, eletrônico, digital, audiovisual ou qualquer outro meio.

Declaro ainda ter total conhecimento e compreensão do que é considerado plágio, não apenas a cópia integral do trabalho, mas também parte dele, inclusive de artigos e/ou parágrafos, sem citação do autor ou de sua fonte. Declaro por fim, ter total conhecimento e compreensão das punições decorrentes da prática de plágio, através das sanções civis previstas na lei do direito autoral¹ e criminais previstas no Código Penal², além das cominações administrativas e acadêmicas que poderão resultar em reprovação no Trabalho de Conclusão de Curso.

Juiz de Fora, 02 de Fevereiro de 2026.

Documento assinado digitalmente

IGOR DE OLIVEIRA VASCONCELOS
Data: 02/02/2026 17:18:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

[Nome completo do autor]

¹ LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

² Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos: Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano ou multa.

RESUMO

A pesquisa em voga buscou obter um panorama sobre a percepção identitária que os discentes do curso de Bacharelado em Administração da UFJF possuem acerca da figura do empreendedor e do sindicalista. Devido ao caráter de pesquisa quantitativa descritiva básica, fez-se uso do método de *survey* para levantamento dos dados, sendo estes recolhidos através de aplicação de questionário fechado, predominantemente em escala Likert, e aplicado online e presencialmente. A amostragem foi não-probabilística, visto que os respondentes foram delimitados por meio de amostragem por julgamento (discentes de Administração). A fim de se chegar nas percepções apresentadas pelos discentes, como principais dados obtidos, apresentam-se: acerca do interesse em atuar como empreendedor ou sindicalista, as respostas ficaram distribuídas em 62% e 2,6, respectivamente e; quanto a avaliar positivamente as figuras (empreendedor e sindicalista), a primeira recebeu 79% das respostas, enquanto a segunda 51,3%. Quanto à percepção acerca da retratação das figuras pela mídia (tradicional e digital), os dados encontrados foram: para 51,8% e 71,8% dos respondentes, a figura do empreendedor é retratada positivamente; para a figura do sindicalista, encontrou-se 10,3% e 15,4% das respostas para retratação positiva. A presente pesquisa contribui para o debate científico acerca da formação da identidade empreendedora e da identidade sindical, uma vez que analisa essa temática a partir da percepção de discentes universitários, especificamente do curso Bacharelado em Administração da Universidade Federal de Juiz de Fora – câmpus sede, sendo estes respondentes relevantes dado que estão ligados a um curso que lida com as figuras em destaque (empreendedor e sindicalista).

Palavras-chave: Identidade empreendedora; identidade sindical; estigmatização.

ABSTRACT

The current research sought to obtain an overview of the identity perception that students in the Bachelor of Business Administration program at UFJF have about entrepreneurs and union leaders. Due to the basic descriptive quantitative nature of the research, a survey method was used to collect data, which was gathered through a closed questionnaire, predominantly on a Likert scale, and administered online and in person. The sampling was non-probabilistic, as respondents were selected through judgment sampling (business administration students). In order to arrive at the perceptions presented by the students, the main data obtained are as follows: regarding interest in acting as an entrepreneur or union leader, the responses were distributed at 62% and 2.6%, respectively; and regarding positive evaluation of the figures (entrepreneur and union leader), the former received 79% of the responses, while the latter received 51.3%. Regarding the perception of how these figures are portrayed by the media (traditional and digital), the data found were: for 51.8% and 71.8% of respondents, the figure of the entrepreneur is portrayed positively; for the figure of the union leader, 10.3% and 15.4% of responses were positive. This research contributes to the scientific debate on the formation of entrepreneurial and union identities, as it analyzes this theme based on the perceptions of university students, specifically those enrolled in the Bachelor of Business Administration program at the Federal University of Juiz de Fora – main campus. These respondents are relevant given that they are enrolled in a program that deals with the figures in question (entrepreneurs and union leaders).

Keywords: Entrepreneurial identity; union identity; stigmatization.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição por sexo	42
Gráfico 2 – Distribuição por idade dos respondentes.....	43
Gráfico 3 – Distribuição por semestres cursados	44
Gráfico 4 – Conhecer pessoalmente os atores da pesquisa	46
Gráfico 5 – Perceber-se como empreendedor e/ou sindicalista.....	46
Gráfico 6 – Empreendedor e sindicalista enquanto profissões.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Participação em projetos extraclasse	44
Tabela 2 – Distribuição em projetos extraclasse	45
Tabela 3 – Empreendedor e sindicalista como possibilidade de atuação, segundo os respondentes	47
Tabela 4 – Retratação das figuras em sala de aula	48
Tabela 5 – Percepções acerca das figuras (empreendedor e sindicalista)	50
Tabela 6 – Idade dos respondentes e suas percepções sobre a figura do empreendedor.....	51
Tabela 7 – Idade dos respondentes e suas percepções sobre a figura do sindicalista.....	52
Tabela 8 – Sexo dos respondentes e suas percepções sobre a figura do empreendedor.....	53
Tabela 9 – Sexo dos respondentes e suas percepções sobre a figura do sindicalista	53
Tabela 10 – Quantidade de semestres cursados pelos respondentes e suas percepções sobre a figura do empreendedor.....	54
Tabela 11 – Quantidade de semestres cursados pelos respondentes e suas percepções sobre a figura do sindicalista.....	55
Tabela 12 – Trajetória acadêmica dos respondentes e suas percepções sobre a figura do empreendedor	56
Tabela 13 – Trajetória acadêmica dos respondentes e suas percepções sobre a figura do sindicalista	57
Tabela 14 – Conhecer pessoalmente x percepções dos respondentes sobre a figura do empreendedor	58
Tabela 15 – Conhecer pessoalmente x percepções dos respondentes sobre a figura do sindicalista	59
Tabela 16 – Retratação das figuras na mídia (tradicional e digital)	62
Tabela 17 – Identidade empreendedora x identidade sindical: impacto da atuação de um sobre o outro.....	63
Tabela 18 – Identidade empreendedora x identidade sindical: impacto positivo na vida do trabalhador	64
Tabela 19 – Identidade empreendedora x identidade sindical: impacto positivo na economia	65
Tabela 20 – Identidade empreendedora x identidade sindical: criatividade.....	66
Tabela 21 – Identidade empreendedora x identidade sindical: possuidor de boa eloquência/comunicação.....	67
Tabela 22 – Identidade empreendedora x identidade sindical: capacidade de liderança	68

Tabela 23 – Identidade empreendedora x identidade sindical: capacidade de influenciar positivamente as pessoas	69
Tabela 24 – Identidade empreendedora x identidade sindical: atuação voltada para interesses coletivos.....	70
Tabela 25 – Identidade empreendedora x identidade sindical: ponderação e equilíbrio.....	71
Tabela 26 – Identidade empreendedora x identidade sindical: capacidade de articulação com diferentes setores	72
Tabela 27 – Identidade empreendedora x identidade sindical: propensão a correr riscos	73
Tabela 28 – Identidade empreendedora x identidade sindical: influência positiva no cenário político.....	74
Tabela 29 – Identidade empreendedora x identidade sindical: objetivo de angariar influência política	75

LISTA DE SIGLAS

CGT	Central Geral dos Trabalhadores
CUT	Central Única dos Trabalhadores
EUA	Estados Unidos da América
FACC	Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
IHU	Instituto Humanitas Unisinos
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	IDENTIDADE.....	19
2.1	CORRENTES TEÓRICAS	19
2.2	IDENTIDADE POR NORBERT ELIAS	20
2.2.1	Contexto histórico, Estado e suas implicações sobre a formação da identidade	20
2.2.2	O caso da comunidade de “Winston Parva” e suas implicações sobre a formação da identidade	25
2.3	IDENTIDADE EMPREENDEDORA	29
2.4	IDENTIDADE SINDICAL	35
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	40
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	42
4.1	PERFIL DOS RESPONDENTES	42
4.2	FIGURA DO EMPREENDEDOR E DO SINDICALISTA, SEGUNDO AS PERCEPÇÕES DOS RESPONDENTES.....	49
4.3	IDENTIDADE EMPREENDEDORA X IDENTIDADE SINDICAL, SEGUNDO OS RESPONDENTES	60
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
	REFERÊNCIAS	79
	APÊNDICE 1 – Questionário aplicado aos respondentes.....	81

1 INTRODUÇÃO

A figura do empreendedor tem sido amplamente veiculada na mídia de massa — revistas de circulação nacional —, na mídia de negócios — revistas do tipo Exame, Grandes empresas, grandes negócios, dentre outras —, bem como tem recebido muita atenção por parte de estudiosos e acadêmicos. Como consta em Paiva et al. (2023), num recorte de 36 meses (2019-2021) foram publicadas 2.312 matérias jornalísticas com a temática do empreendedorismo como foco, somente no Jornal Folha de São Paulo.

A partir disso, emerge a necessidade de se estudar essa figura, objetivando entender como é retratada na contemporaneidade e sua mutação ao longo do processo de desenvolvimento da sociedade; ou seja, em que medida revoluções tecnológicas e sociais moldaram o perfil empreendedor. Zen e Fracasso (2008, p. 5) abordam esse processo de mutação sob “três paradigmas tecnológicos”: a) revolução industrial; b) fordismo e; c) tecnologia da informação. No contexto da revolução industrial, ele possui três perfis característicos: *adventurer*, o tipo de empreendedor que se envolve com empreendimentos de alto risco; *projector*, àquele que inventa ou arquiteta/elabora planos; e *undertaker*, caracterizado, ao contrário dos anteriores, pela cautela e por visar “realizar projetos”.

O empreendedor no contexto Fordista - contexto este pautado pela necessidade constante das organizações em melhorarem sua produtividade, e, também, pelo crescimento destas - caracteriza-se principalmente pela inovação (Zen; Fracasso, 2008). Devido a uma tendência de estreitamento de relacionamentos entre as organizações e entre indivíduos de interesses comuns, devido a facilidade de se conectar com o outro proporcionada pelos avanços tecnológicos, há o surgimento de dois novos tipos de empreendedores, sendo estes o “empreendedor coletivo” e o “empreendedor social”. Os empreendimentos coletivos apresentam uma configuração mais convidativa, pois os custos e riscos são compartilhados. enquanto os empreendedores sociais “não criam uma riqueza para si mesmos, mas geram uma riqueza coletiva para a comunidade em seu entorno” (Zen; Fracasso, 2008, p. 13).

Outro ponto a ser destacado é a vinculação do empreendedorismo social como ferramenta da renovação do espírito capitalista, em que, o capitalismo assimilando as críticas recebidas por causa de diversas crises e distorções sociais causadas, acaba se utilizando de discursos sociais como legitimadores das práxis capitalista, como dito por Casaqui (2015); ou seja, ainda segundo o autor (p. 3), “O discurso social, como construção de um mundo, projeta-o como ideal”, gerando “aceitabilidade” e certo “encantamento” nos indivíduos pela figura do empreendedor.

Atualmente, os empreendedores sociais vêm ganhando tanta notoriedade que passaram a ser, de certo modo, “celebridades”, já que constantemente são celebrados e exaltados em revistas, programas de televisão e eventos empresariais; como exemplo deste caso, Casaqui (2014) retrata os eventos cujos têm o intuito de homenagear e premiar empreendedores sociais que tiveram – ou vinham tendo há algum tempo - destaque no cenário. Com isso, organizações de cunho capitalista utilizam-se dessa crescente social a fim de promoverem as suas marcas, atrelando-as à corrente do empreendedorismo social.

Já outra figura hoje em destaque no debate público é o sindicalista. Figura que é tratada, em alguns momentos, como figura antagônica à figura do empreendedor. Com o surgimento do que Campos e Soeiro (2016) chamam de “novo regime do capitalismo” (p. 45), marcado pela “remercantilização, descoletivização e reindividualização do trabalho” (p. 45), com este apresentando “uma retórica assente na liberdade e na autonomia individual, a narrativa do empreendedorismo tem, por isso, um efeito político cada vez mais evidente”, o que faz com que o coletivismo proporcionado pelo sindicalismo seja posto em questionamento e, por conseguinte, em desvalorização. Em adição aos elementos discutidos, de Oliveira (2020, p. 11) discorre:

“a assimilação pelos trabalhadores de uma racionalidade neoliberal estimula uma postura individualista, meritocrática e competitiva entre eles, afetando seu potencial de ação coletiva, ao mesmo tempo em que os distancia de uma perspectiva em favor da regulação pública das relações de trabalho e os aproxima da ideologia do empreendedorismo e da empregabilidade.

No que tange à construção identitária da figura do sindicalista, é retratado no livro “Força Sindical: uma análise sociopolítica”, de Cardoso e Rodrigues (2009, p. 42), como combativo, este partindo do “sindicalismo de luta, organizado ‘pela base’, crítico em relação à estrutura corporativa e orientado para a sua substituição”. Para tanto, o discurso sindical, historicamente, é caracterizado por ser “agressivo, impositivo, ameaçador, destinado a revelar força, destemo: disposição para o combate” (Cardoso; Rodrigues, 2009, p. 68).

Um ponto importante em se tratando de sindicalista é a desvinculação do mesmo da concepção de carreira. Ou seja, antes de sindicalistas veem-se como trabalhadores comuns (operários, mecânicos, entre outros), algo que pode ser constatado em Cardoso e Rodrigues (2009, p. 19): “mesmo quando se ocupam durante dezenas de anos da atividade sindical, administrando recursos financeiros poderosos, não consideram a função de ‘diretores de sindicatos’ (ou, de modo mais eufemístico, de ‘dirigentes sindicais’) como a sua profissão”.

Diante do exposto com relação às figuras do empreendedor e do sindicalista, embora de forma bastante resumida, pode-se afirmar com alguma segurança que as narrativas e as representações acerca do empreendedor exaltam uma identidade de papel especialmente forte, na medida em que enaltecem uma imagem de sucesso econômico, financeiro e pessoal por meio do esforço e da busca da independência de um patrão, bem como configurando uma imagem de sujeito “que faz”, que toma iniciativa e que tem um sonho e uma visão de futuro que deve ser perseguida. O sindicalista, entretanto, tem sua imagem/representação construída historicamente como “negativa”, no sentido de atividade de “quem não trabalha”. Constrói-se esse estigma devido à disparidade na balança de poder entre os atores em questão.

Calcados nas contribuições de Elias e Scotson (2000), os sujeitos desta pesquisa podem ser entendidos enquanto inseridos na relação de poder entre estabelecidos e *outsiders*, na qual o empreendedor assume o papel de estabelecido, que se refere a um grupo autopercebido e percebido por outrem como portador de referência moral e estima positiva e superior, e o sindicalista, de *outsider*, que denomina àqueles de fora, julgados como de menor valor, que não seriam portadores de conduta exemplar.

Com base no referencial teórico a ser apresentado e fazendo um paralelo com a obra de Elias e Scotson (2000), no momento em que o capitalismo coopta para si o discurso do empreendedorismo, a balança de poder entre os atores em questão sofre uma forte distorção. Os sindicalistas, apesar de formarem um grupo consolidado, ao reivindicarem e lutarem pelos interesses da classe trabalhadora, no exercício de sua função, passam a ser percebidos como oposição ao capitalismo. Logo, na tentativa de instaurar um novo modelo de sociedade, baseada em práticas empreendedoras cotidianas, mais individualista e menos coletivista, ou seja, “novo regime do capitalismo” (Campos; Soeiro, 2016), cria-se uma imagem estigmatizada do sindicalista, de modo a descreditar a sua atuação; em lado oposto, o perfil do empreendedor é exaltado, sendo sempre atrelado a termos de estima positiva.

A Administração enquanto Ciência Social Aplicada e fortemente atrelada ao campo empresarial, é capaz de nos fornecer informações a respeito dos sujeitos da pesquisa. Portanto, ir a campo analisar os futuros administradores se mostra intrigante, examinando-os quanto ao seu *habitus*, ou seja, sua percepção quanto aos sindicalistas e aos empreendedores e se a trajetória acadêmica apresenta algum impacto expressivo nessa percepção. Assim, trouxemos o problema de pesquisa “Qual é a percepção dos discentes do curso de Bacharelado em Administração da UFJF com relação a identidade das figuras empreendedor e sindicalista?” para este campo a fim de solucioná-lo.

Visando responder a este problema de pesquisa, o presente trabalho tem como objetivo central, obter um panorama sobre as percepções dos discentes do curso de Bacharelado em Administração acerca da identidade das figuras empreendedor e sindicalista. Para tanto, utilizou-se da aplicação de questionários, para extrair as devidas percepções. Ademais, a pesquisa tem como objetivos específicos:

- Identificar a posição dos discentes do curso de Bacharelado Administração da UFJF quanto aos atores analisados;
- Identificar a percepção dos discentes quanto a atuação das mídias (tradicionais e digitais) na representação das figuras empreendedor e sindicalista;
- Verificar se há disparidade na percepção dos discentes com relação aos atores a depender do perfil levantado (sexo, idade, quantidade de semestres cursados, participação em projetos extraclasse, conhecer pessoalmente empreendedores e sindicalistas, perceber-se como empreendedor e/ou sindicalista).

Além desta introdução, o presente trabalho está dividido em mais quatro seções: Identidade, Procedimentos metodológicos, Análise dos resultados e Considerações finais. A seção que se segue, intitulada “Identidade”, tem como intuito discorrer sobre o processo de formação da identidade à luz da perspectiva do autor alemão Norbert Elias, posteriormente chegando nas representações da identidade empreendedora e da identidade sindical. No capítulo 3, “Procedimentos metodológicos”, abordamos sobre o caráter da pesquisa, suas características e toda a metodologia utilizada para se chegar aos dados que serão apresentados no capítulo 4. Assim sendo, o quarto capítulo 4, denominado “Análise dos resultados”, será reservado para a apresentação e análise dos dados obtidos junto aos discentes respondentes ao questionário aplicado. Já no capítulo 5, “Considerações finais”, traremos uma síntese da pesquisa, além de uma reflexão final acerca dos resultados encontrados e, ademais, sugestões para futuras pesquisas provenientes das arestas geradas pelo presente trabalho. Por fim, foram apresentadas as referências bibliográficas utilizadas para a construção do trabalho e, também, foi apresentado, enquanto apêndice, o questionário aplicado junto aos discentes respondentes.

2 IDENTIDADE

Buscar-se-á, neste capítulo, trazer a fundamentação teórica pertinente ao objetivo geral deste estudo, que consiste em obter um panorama sobre as percepções dos discentes do curso de Bacharelado em Administração acerca da identidade das figuras empreendedor e sindicalista.

No subtópico 2.1, iniciaremos com a definição das duas vertentes elementares dos estudos sobre identidade, ou seja, se esta seria fruto de uma essência ou de constructo social. Adiante, no subtópico 2.2, faremos uso da sociologia figuracional, pautados pela obra de Norbert Elias, autor de vertente construcionista, objetivando apresentar as nuances que levam à formação da identidade de um indivíduo.

Por fim, nos subtópicos 2.3 e 2.4, traremos como é retratada a identidade de cada um dos atores, especialmente por meio de livros, artigos científicos e materiais veiculados na mídia de massa, chegando na representação da identidade empreendedora e da identidade sindical.

2.1 CORRENTES TEÓRICAS

Sempre ao abordar conceitos de identidade, deparamo-nos com diversas correntes teóricas que, cada uma à sua maneira, buscam decifrar a formação da identidade. Mas afinal, o que é identidade? Para responder tal questionamento, não podemos deixar de citar as principais teorias que tratam da questão da identidade — mesmo que brevemente —, para que seja possível visualizar os diferentes entendimentos acerca do tema. Há de se destacar, principalmente, o fator-chave de discordância entre as vertentes: a existência ou não, de uma essência (“essencialismo” x “construcionismo”). Ressalta-se, aqui, que ambas as vertentes levam a variadas correntes teóricas¹; portanto, há variações de entendimento entre autores dessas respectivas correntes teóricas.

Primeiramente, é importante ter o entendimento do que se trata o conceito de essência. Seguindo o pensamento de Ésther (2007), em suma, essência diz respeito à ideia de que os indivíduos possuem uma identidade natural, única, uma identidade adquirida com o nascimento, algo que os acompanha ao longo de suas vidas. Por mais que, em algumas vertentes, admita-se a transformação da identidade com o desenvolvimento do indivíduo, seu cerne ainda permaneceria intacto, norteando suas ações.

¹ Em Ésther (2007), encontram-se todas estas correntes teóricas destrinchadas.

O construcionismo nega a existência de uma essência. Dito isso, a identidade do indivíduo seria formada ao longo de sua jornada, à medida e à forma com que este vai interagindo com outros indivíduos, grupos sociais e instituições; em outras palavras, a identidade é política e sua formação seria fruto de um constructo social, da “interação entre o eu e a sociedade”, pautada pelas relações de poder (Ésther, 2007).

2.2 IDENTIDADE POR NORBERT ELIAS

Neste subtópico, será apresentada a literatura de Norbert Elias acerca da formação da identidade, perpassando por momentos históricos, agentes influenciadores e as transformações sofridas ao longo do tempo.

No subtópico 2.2.1, como o contexto histórico e o papel do Estado influenciam na formação da identidade, a partir da obra “A sociedade dos Indivíduos” (1994). A construção será pautada pela definição de indivíduo e sociedade, e como essa definição e os termos propriamente ditos foram sendo distorcidos ao longo do curso das sociedades, chegando ao ponto de, em tempos mais recentes, apresentarem-se praticamente em uma relação de antítese.

Já no subtópico 2.2.2, utiliza-se Elias, agora com o livro “Os estabelecidos e os outsiders” (2000), como forma de exemplificar o que fora exposto no eixo anterior, aplicando os conceitos definidos ao curioso caso de Winston Parva. O objetivo deste subtópico será apresentar como os grupos de moradores de Winston Parva, distribuídos desigualmente pela cidade, e a interação que estabelecem entre si, pautada pelas relações de poder, produzem uma identidade valorada para um grupo, e estigmatizada, para outro.

2.2.1 Contexto histórico, Estado e suas implicações sobre a formação da identidade

Ao tratar do conceito de identidade, na obra “A sociedade dos Indivíduos”, Elias (1994) percebeu uma questão relevante: um diferente tratamento conceitual em relação aos termos “indivíduo” e “sociedade” (“individual” x “social”). Nas sociedades contemporâneas, segundo Elias (1994), os termos “individual” e “social” têm assumido uma relação de antítese, não mais apenas tendo sua utilização com o intuito de trazer algumas diferenciações. Ou seja, nas palavras de Elias, “é um erro aceitar sem questionamento a natureza antitética dos conceitos de ‘indivíduo’ e ‘sociedade’” (1994, p. 129). Além disso, Elias (1994) constata que as particularidades de cada contexto histórico implicam em distintas percepções por parte da população com relação a tais conceitos (individual x social).

Buscando elucidar melhor esse tema, Elias (1994) trabalha com a ideia de “identidade-eu” e “identidade-nós”, sendo esta relação retratada por ele como se fosse uma balança que, de acordo com o contexto de análise, pendia mais para um dos lados, não havendo um modelo rígido. Identidade-eu retrataria como um indivíduo específico se difere dos demais; e identidade-nós, as semelhanças apresentadas entre os indivíduos de algum grupo. Aplicando-se tal ideia à situação anteriormente retratada, verifica-se que essa balança se apresenta de maneira diferente em distintas épocas: na antiga configuração (Europa medieval), a identidade-nós exercia maior pressão; já na época atual, decorrente de um processo de transformação na sociedade, a identidade-eu é apresentada com maior destaque. Essa transformação se torna mais visível com o Renascimento e períodos posteriores. Durante o Renascimento, nos países mais desenvolvidos da Europa, houve significativo movimento de ascensão social pelos indivíduos, migrando de seus postos tradicionais para posições sociais de maior destaque naquela sociedade. Porém, provavelmente, como dito por Elias (1994, p. 134), fora durante os “movimentos sócio-políticos antitéticos”, durante o século XIX, que tendo “individualismo” x “socialismo e coletivismo” em lados opostos, fez com que a distinção entre “indivíduo” e “sociedade” surgira inevitavelmente, pois havia conflito entre os termos (antítese).

A fim de demonstrar a configuração da sociedade antiga, Elias aborda o Estado romano republicano da Antiguidade, afirmando que ele “é exemplo clássico de um estágio de desenvolvimento em que o pertencer à família, à tribo, ao Estado, ou seja, a identidade-nós de cada pessoa isolada, tinha muito mais peso do que hoje na balança nós-eu” (1994, p. 130). Sendo assim, enxergar o indivíduo de maneira isolada do grupo ou, até mesmo, desvalorizar o papel dele, simplesmente não se aplicava. Para tanto, segundo o autor,

[...] não havia nenhum equivalente do conceito de “indivíduo” nas línguas antigas. No estágio das repúblicas ateniense e romana, o fato de pertencer a uma família, tribo ou Estado desempenhava um papel inalienável na imagem do homem. Na república romana, em especial, pode-se observar uma rivalidade entre os representantes das famílias, muitas vezes intensas, pelo acesso aos cargos do Estado (Elias, 1994, p. 131).

Porém, isso não quer dizer que não se fazia diferenciação entre indivíduos; sim, fazia-se, mas muito pela ausência de necessidade dessa separação entre “indivíduo” e “social”. Essa ausência de separação entre os conceitos se apresenta claramente no âmbito da formação da língua escrita, uma vez que esta sequer abarcava a terminologia “indivíduo”.

Até os primeiros anos do século XX, período antecedente à Segunda Guerra Mundial, o termo “sociedade” se delimitava ao território de um Estado, ou de uma tribo, sendo assim um

conceito sempre atrelado a estes ambientes (Elias, 1994). Ressalta-se, também, a fim de se obter maior compreensão acerca da temática em tela, que o grau de integração entre países, nesse contexto, era consideravelmente baixo, como aponta Elias (1994).

Com o desenvolvimento da humanidade, no decorrer do século XX, uma nova configuração global emergiu, caracterizada, principalmente, pela maior integração entre Estados. Conformou-se, assim, uma enorme e complexa rede de inter-relacionamento, direcionada para uma “integração total da humanidade, mais abrangente e mais duradoura” (Elias, 1994, p. 137). Ainda a este respeito, Elias (1994) define humanidade como sendo essa totalidade de indivíduos, dividida em Estados, tratados por ele como associações de tamanho médio, embora ressalte que algumas são de dimensão maior.

A cada transição de uma forma menos populosa e menos complexa da organização predominante de sobrevivência para uma forma mais populosa e complexa, a posição de cada pessoa isolada em relação à unidade social que todas compõem juntas – em suma, a relação entre indivíduo e sociedade – modifica-se de modo característico (Elias, 1994, p. 139).

Ademais, Elias (1994) faz um comparativo entre sociedades modernas, tomando como objetos um país menos e outro mais desenvolvido. Em um país menos desenvolvido, o indivíduo se relaciona com os diversos grupos (família, comunidade, Estado) formadores daquele mesmo país de maneira peculiar se o comparamos a um mais desenvolvido. Essa relação, em países menos desenvolvidos, costuma ser mais íntima com os grupos “família” e “cidade natal”, sendo estes norteadores da identidade-nós daquela comunidade, tendo o Estado menor participação nesse processo de construção de identidade.

Os países desenvolvidos, em sua maioria – excluindo alguns países asiáticos –, possuem um Estado mais atuante. Nesta diferente configuração de sociedade, os sentimentos de pertencimento e proteção a indivíduos próximos (família) acabam sendo enfraquecidos em decorrência do surgimento da necessidade de se pautar as relações profissionais e, até mesmo as relações pessoais a partir da meritocracia. Como exemplo, Elias (1994) utiliza a nomeação de parentes para cargos públicos, sendo esta prática crime em países desenvolvidos, os quais levam em consideração somente a capacidade do indivíduo de desenvolver as atividades inerentes àquele cargo. “Temos aí um exemplo de como certo estágio do processo de formação do Estado pode favorecer a individualização, a maior ênfase na identidade-eu da pessoa isolada e o desligamento dessa pessoa dos grupos tradicionais” (Elias, 1994, p. 148). Portanto,

Nos estágios mais primitivos do desenvolvimento social, o indivíduo, como vimos, era muito mais estreitamente ligado ao grupo em que nascia. Pela vida afora, as pessoas eram predominantemente ligadas às unidades pré-nacionais, aos parentes, à terra natal ou à tribo, ou pelo menos o eram mais estreitamente do que agora, pois esses eram os grupos dos quais podiam esperar ajuda e proteção na necessidade extrema. Nas sociedades mais desenvolvidas – o que significa não apenas as mais ricas em sentido estrito, mas as que são mais ricas sobretudo em capital social –, o nível de integração do Estado absorve cada vez mais essa função de último refúgio na necessidade extrema (Elias, 1994, p. 149).

Por outro lado, assim como sugere Elias (1994), o Estado pode assumir uma faceta oposta à supracitada, como é o caso de algumas ditaduras, nas quais há restrições à sua população, deixando-a mais normatizada e uniforme, portanto, com menor grau de individualização.

Elias enriquece ainda mais o estudo acerca da identidade, ao tratar do conceito de *habitus* social. *Habitus* diz respeito, então, a todo o constructo histórico apreendido pelo indivíduo, sendo este originário de constantes conversas do indivíduo com os grupos aos quais está inserido, sendo que este diálogo se dá de maneira mútua (Elias, 1994). Em outros termos, à medida que o indivíduo internaliza costumes, crenças difundidas por estes grupos, ele acaba exprimindo a sua individualidade para eles. A identidade nós-eu, anteriormente trabalhada, é parte integrante do *habitus*.

Buscando responder à pergunta “Quem sou eu?”, na sociedade moderna, é percebido por Elias que a resposta está no próprio nome do indivíduo, como podemos aferir através de nossa certidão de nascimento – e outros documentos de identificação. Portanto, o nome do indivíduo é algo imprescindível em vários momentos da vida. Mais além, o autor enxerga uma forte ligação entre o nome e o sobrenome às identidades nós-eu, sendo a identidade-eu representada no primeiro nome, algo que busca a individualização daquele indivíduo perante os demais, e a identidade-nós através do sobrenome, a partir do qual o indivíduo carrega toda uma tradição de um grupo social (família). Tais apontamentos sustentam a ideia de não separação entre indivíduo e sociedade: “não há identidade-eu sem identidade-nós” (Elias, 1994, p. 152).

A fim de retratar o caráter de transformação pelo qual passa a identidade ao longo do desenvolvimento individual, ainda segundo Elias, por mais que teimemos em manter uma linha muito próxima ao eu atual, adulto, e ao eu mais jovem, afirmando se tratar de um único indivíduo, demonstrando certo “caráter estático”, essa afirmativa se mostra equivocada. De fato, sim, é o mesmo indivíduo, porém se trata de distintas etapas de seu desenvolvimento, em que para que o eu atual exista, em sua configuração de identidade, todas as etapas anteriores

foram fundamentais, moldando-o até o estágio em que se apresenta no presente. De acordo com o autor,

A continuidade do processo de desenvolvimento é uma das precondições para a identidade de uma pessoa no decorrer de um processo que se estende por anos a fio. A forma posterior da pessoa emerge, necessariamente, da sequência das formas anteriores. [...] A estrutura de personalidade posterior depende do fluxo de desenvolvimento das anteriores, mas de início com margem considerável de variação, que depois diminui gradativamente (Elias, 1994, p. 153).

O autor correlaciona identidade-eu, em seu processo de transformação, e memória. A partir desse fenômeno a ser estudado, ele teve o entendimento de como as imagens gravadas na memória interferiam no desenvolvimento da identidade-eu, através do aprendizado adquirido de experiências vividas anteriormente. E, como bem colocado por Elias (1994, p. 154), “Quanto maior a margem de diferenciação nas experiências gravadas na memória dos indivíduos no curso do desenvolvimento social, maior a probabilidade de individualização”; portanto, a identidade-eu é resultante destas singularidades vividas pelo indivíduo, diferenciando-o dos demais.

Porém, o autor em destaque nos diz que “toda memória tem um substrato” (1994, p. 154), algo que, basicamente, torna o tema mais complexo, anexando a ele o indivíduo como um todo, não apenas o seu cérebro (memória, neste caso), pois a “identidade-eu das pessoas depende, em imensa medida, de elas estarem cientes de si como organismos” (1994, p. 154).

Para Elias (1994), o rosto é um exemplo claro de como o corpo é parte integrante do processo de construção da identidade-eu, pois demonstra bem o processo de transformação pelo qual o indivíduo passou, deixando clarividente retratos que marcam cada etapa do desenvolvimento humano, perpassando desde a infância até a fase final da vida desse indivíduo. Sem desconsiderar, obviamente, todas as demais partes do corpo, mas o rosto ilustra mais nitidamente essas modificações, sendo muito marcante e importante para tal analogia. O rosto, durante os primeiros anos de vida, sofre transformações bastante bruscas, chegando ao ponto de não ser possível ligar um recém-nascido a ele mesmo quando pré-adolescente, mas, após certo estágio, passa a manter algum nível de semelhança facial, remetendo, até mesmo, devido a uma maior identificação com as memórias recentes, à concepção de essência. A percepção de uma essência, nesse caso, está atrelada ao grau de semelhança perceptível no indivíduo depois de um certo período da vida; porém, desconsidera toda a trajetória do mesmo. Portanto, destaca-se que a identidade da pessoa em desenvolvimento repousa, acima de tudo, no fato de que cada

fase posterior emerge de uma fase anterior, numa sequência ininterrupta. O controle genético que dirige o curso de um processo é, ele mesmo, parte desse processo (Elias, 1994, p. 156).

2.2.2 O caso da comunidade de “Winston Parva” e suas implicações sobre a formação da identidade

O perceber-se como diferente, não frequentemente, apresenta-se em figurações pouco claras. É de se esperar situações de diferenciação por renda, cor, escolaridade, orientação sexual, atividade profissional, nacionalidade e regionalidade, reputação familiar, por serem mais comuns no cotidiano, mas às vezes a “justificativa” é pautada em nuances muito peculiares a um certo local, passando despercebida aos olhos de quem não está inserido neste contexto – e/ou simplesmente desatento.

Na obra “Os estabelecidos e os outsiders”, Elias e Scotson trazem um estudo sobre as relações de poder em uma pequena comunidade próxima a cidade de Leicester, localizada na Inglaterra, de nome fictício “Winston Parva”, estruturada em três zonas habitacionais: “A Zona 1 era o que se costuma chamar de área residencial de classe média. [...] As Zonas 2 e 3 eram áreas operárias, uma das quais, a Zona 2, abrigava quase todas as fábricas locais” (2000, p. 51). Nessa cidade, os moradores da Zona 3, povoada por trabalhadores operários, eram rebaixados a um status inferior pelos moradores das Zonas 1 e 2, porém, estes membros da Zona 2 também eram operários e não gozavam de quaisquer outras características contrastantes, a não ser por morarem em Winston Parva há mais tempo (a Zona 3 havia sido construída recentemente e seus respectivos habitantes haviam imigrado há pouco para a cidade). Nesse caso em questão, o fator antiguidade ditava as relações de poder entre os moradores dos três bairros, ficando os do bairro 3 taxados de inferiores, tanto pela classe média da cidade quanto pelos colegas de profissão – e até eles próprios acabavam assimilando esse status negativo.

Em 1880, o empreendedor Charles Wilson cria uma companhia do ramo da construção civil e dá início à construção de Winston Parva. Ao longo de sete anos, foram construídos vários edifícios, dentre eles “alguns galpões de oficinas, diversas fábricas e uma nova igreja”, além de 700 habitações (Elias; Scotson, 2000, p. 61). Essa área é referente a zona 2. Seus moradores a denominaram, com apreço e orgulho, de “a aldeia”. A zona 1 veio posteriormente, em meados de 1920 e 1930, contudo, não mais por iniciativa da construtora de Charles Wilson. Identificando a demanda por novas e modernas moradias, alguns construtores locais ficaram à frente destes empreendimentos, situando-se estas moradias ao norte da zona 2. As moradias foram ocupadas, no geral, por “profissionais liberais e negociantes” e alguns “moradores da

zona 2 que haviam acumulado uma certa riqueza”; percebiam a mudança de casa como um sinal de sucesso/ascensão (Elias; Scotson, 2000, p. 62).

A Zona 3, ou também chamada de “o loteamento”, data sua construção de 1930, coincidindo com a finalização das obras na zona 1. Desde antes do projeto sair do papel, já sofrera com algumas críticas: “Os antigos residentes diziam que essa área não fora desenvolvida por Charles Wilson por ser pantanosa e infestada de ratos”, julgando-a como não condizente com o “padrão local” (Elias; Scotson, 2000, p. 62). Apesar das críticas e dos protestos por parte dos antigos residentes, as obras foram concluídas naquela localidade. As casas seguiram os padrões das da “aldeia”, não havendo, assim, diferenças significativas, apesar de cobrarem valores menores de aluguéis. Com o desinteresse dos moradores da zona 2 em migrarem para o “loteamento”, as casas foram sendo ocupadas, pouco a pouco, por famílias de outras regiões, ou por questões relacionadas ao trabalho, ou por mudanças nas dinâmicas sociais em decorrência dos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial (Elias; Scotson, 2000).

Assim como a Zona 2 era composta por moradores operários, de mesmo modo também o era para o caso da Zona 3, formando-se uma comunidade de operários especializados ou semiespecializados. Imigraram, juntamente, um pequeno grupo de operários não qualificados. Este grupo, em específico no que tange à cultura, contrastava tanto dos aldeões como dos próprios colegas de área residencial. Os salários praticados seguiam os dos trabalhadores da “aldeia”, com nenhuma variação aparente, em conformidade com o nível de qualificação (Elias; Scotson, 2000). Nesse sentido, os autores alegam que “a existência desses bolsões de trabalhadores imigrantes foi uma das razões, com certeza, do status inferior atribuído ao loteamento como um todo, na classificação feita pelas zonas vizinhas de Winston Parva” (Elias; Scotson, 2000, p. 63).

Havia, em Winston Parva, portanto, clara distinção social entre as três zonas habitacionais. Logo que os moradores iniciaram o processo de avaliação mútua, deu-se início ao surgimento de dois grupos sociais: aldeões e novos residentes. Elias e Scotson (2000) exemplificam esse processo ao trazerem a distribuição dos moradores entre os diferentes pubs da cidade: o pub “A lebre e os cães”, que em certo momento recebia frequentadores diversos, viu sua clientela de “aldeões” cada vez ficar mais escassa; os “aldeões” demonstravam desagrado com a presença dos “londrinos” e de outros imigrantes, e, com isso, tornaram-se clientes do outro pub, “A águia”, este assumindo o caráter de pub dos “aldeões”. Como justificativa para a migração de pub, era alegado – pertinentemente, ou não – que os frequentadores eram “barulhentos e que bebiam demais” (Elias; Scotson, p. 63). E o que poderia

ser percebido como uma mera separação inicial, foi passando a se consolidar, ganhando corpo de tradição:

E, com o tempo, a segregação dos dois grupos, estabelecida no início da guerra, logo depois da chegada de uma massa bastante compacta de imigrantes, adquiriu a força de uma tradição local; continuava sendo plenamente mantida quase duas décadas depois, durante o período da pesquisa (Elias; Scotson, 2000, p. 63).

É bem verdade que cada grupo podia se cercar e desfrutar da companhia daqueles que assim escolhesse, muito bem como da forma que gostaria de passar seu tempo de ócio; isto sendo válido, de igual modo, para os “novos residentes”, em especial para os “londrinos”, que mantiveram seus comportamentos habituais e apresentavam certo grau de união (Elias; Scotson, 2000). Os “aldeões” poderiam ter facilitado a integração dos novos moradores, segundo Elias e Scotson (2000, p. 64), caso os imigrantes

se submetessesem a sua proteção e se contentassem em assumir, na hierarquia de status, a posição inferior que costuma ser destinada aos recém-chegados, pelo menos durante um período de experiência, pelas comunidades já estabelecidas, mais estreitamente unidas e conscientes de sua posição.

O grupo estabelecido, formado por moradores antigos, seja como forma de manter e afirmar seu status e/ou para conservação de tradições e costumes, fechou-se, da forma que lhe cabia, para a possibilidade de convivência com os novos moradores; tal grupo reunia-se quase que em locais exclusivos, e criava barreiras que dificultavam a participação ou, ao menos, gerasse desinteresse no outro grupo. Presentes na Política e em cargos de direção em instituições locais, os aldeões claramente possuíam maior força nas relações de poder. A este respeito, Elias e Scotson (2000, p. 65) trazem o relato de um dos moradores *outsiders*: “Eles cerraram fileiras contra os intrusos. Esnobaram-nos. Excluíram-nos de todos os postos de poder social, fosse na política local, nas associações benéficas ou em qualquer outra organização local em que sua influência fosse predominante”. Em suma:

Era graças a seu maior potencial de coesão, assim como à ativação deste pelo controle social, que os antigos residentes conseguiam reservar para as pessoas de seu tipo os cargos importantes das organizações locais, como o conselho, a escola ou o clube, e deles excluir firmemente os moradores da outra área, aos quais, como grupo, faltava coesão. Assim, a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar (Elias; Scotson, 2000, p. 22).

Elias e Scotson, durante a feitura da pesquisa, encontraram uma Winston Parva que construiria o loteamento (Zona 3) há cerca de 20 anos, algo que em pouco alterou a estima pelos moradores do “loteamento” por parte dos aldeões; ainda eram chamados de estrangeiros, e apesar de terem o inglês como idioma nativo, falavam que “não conseguiam entender uma palavra do que eles diziam” (2000, p. 65). Curiosamente, porém, tal separação não era identificada no ambiente de trabalho, com os dois grupos vivendo amistosamente e em postos de trabalho similares, não gerando qualquer problema/atributo. O fenômeno da separação ocorre no convívio social, fora do horário de trabalho, e de maneira velada e sem embates, apenas visando manter um olhar de superioridade sobre os moradores mais recentes.

A identidade comunitária de Winston Parva resultava da extração/generalização dos costumes de um grupo de antigos residentes moradores da Zona 1 e que ocupavam cargos de poder. Mesmo que minoritário, tal grupo usufruía de enorme estima por parte de seus pares, também antigos residentes. Portanto, estas famílias eram tomadas como exemplo de “comportamento ideal”, “modo de viver dos antigos moradores”, e eram expandidas para outros moradores, mesmo estes não situando-se similarmente na vida comunitária. Como forma de controle social, os aldeões utilizavam uma ferramenta bastante popular: fofoca. Teciam comentários elogiosos para seus pares, referindo-se a eles como “boa gente”, mas, entretanto, não ficavam restritas ao lado positivo mesmo se tratando de outros “aldeões”, seja visando maior grau de adesão aos costumes locais ou afastar do seio comunitário àqueles tidos como desviantes:

Podiam funcionar como um instrumento de rejeição de extrema eficácia. Quando se achava, por exemplo, que um novo morador da “aldeia” não era “muito boa gente”, logo circulavam pelos canais de boataria histórias sobre a transgressão de normas, amiúde sob forma altamente exagerada (Elias; Scotson, 2000, p. 125).

Ao contrário do encontrado acima, onde uma minoria de “boas famílias” era tomada como identidade de todo um grupo de antigos residentes (fofoca positiva), os recém-chegados eram representados a partir de uma minoria de indivíduos “grosseiros”, “rudes” (fofoca depreciativa). Tal estigmatização data desde o início do processo de chegada dos primeiros migrantes, muito pelo “fato de haver um número considerável de ‘grosseirões’ entre os povoadores iniciais do loteamento”, mesmo que “o tipo mais rude de proletários, na época da pesquisa, já não representasse mais do que uma minoria relativamente pequena dos moradores do loteamento, essa lembrança persistia” (Elias; Scotson, 2000, p. 111).

Os estabelecidos formavam um grupo bastante coeso, organizados pela cidade convenientemente, com grandes famílias morando próximas umas das outras, proporcionando grande senso comunitário, de pertencimento, em contraponto aos grupos soltos de migrantes, sem ligação prévia entre seus membros. Os *outsiders*, então, ao longo do contato com essa estigmatização, assimilavam-na e, por conseguinte, a forma pela qual passavam a se referir ao loteamento era conformada enquanto reflexo dos pensamentos dos estabelecidos, ansiando, inclusive, ascensão social através de uma futura troca de bairro, tendo as Zonas 1 e 2 como destino – ou até outras cidades (Elias; Scotson, 2000).

Sendo a identidade-nós as semelhanças compartilhadas pelos membros de um grupo, (Elias, 1994), e o grupo “aldeão” caracterizando-se como coeso, a identidade ilustrada por meio minoria dos melhores vira motivo de orgulho por todos os membros — e almejada pelos de fora. Ou seja, de acordo com Elias e Scotson (2000, p. 133), “A identidade coletiva e, como parte dela, o orgulho coletivo e as pretensões carismáticas grupais ajudam a moldar a identidade individual, na experiência que o sujeito tem de si e das outras pessoas”. Configura-se, dessa maneira, a estima valorosa dos membros da “aldeia” e, em lado oposto, o estigma dos moradores do loteamento, com as fofocas depreciativas sendo parte integral desse processo de rotulação. Assim sendo, por sua posição privilegiada de poder e alto grau de coesão grupal, os “aldeões” dominavam o jogo de narrativas.

Adiante na pesquisa, a discussão se dará a respeito da formulação, representação e transformação das identidades de empreendedores e sindicalistas, atores em destaque nesta pesquisa. Aspectos históricos, culturais, financeiros, entre outros, serão levantados para nos fornecer informações relevantes e elucidações acerca dessa dinâmica.

O referencial construído nos subtópicos 2.1 e 2.2 será de suma importância para facilitar a assimilação da temática da identidade empreendedora e identidade sindical, possibilitando a compreensão do processo até que essas identidades emergam, e possam ser correlacionadas com o arcabouço teórico previamente exposto.

2.3 IDENTIDADE EMPREENDEDORA

A fim de compreender melhor as narrativas identitárias sobre o empreendedor, é importante conhecer a origem do termo e a trajetória de transformações pela qual a figura do empreendedor passou, chegando a sua configuração atual.

Segundo Zen e Fracasso (2008), o termo empreendedor origina-se do francês, mais especificamente da palavra “*entrepreneur*”, no século XVI, porém, não há um consenso quanto

a sua origem; Campos e Soeiro creditam o surgimento do conceito ao economista francês Jean Baptiste Say, no fim do século XVIII, sendo o conceito “associado à capacidade dos indivíduos criarem valor por via do redirecionamento de recursos” (2016, p. 39).

Como se pode ver, a origem do termo “empreendedor” não é algo consensual. Entretanto, mais do que discutir a origem do tema, interessa-nos definir os distintos perfis dos empreendedores e como se deram as suas transformações durante o processo de desenvolvimento da sociedade capitalista, com enfoque no cenário brasileiro. Assim sendo, este subcapítulo tem como interesse discutir em que medida as revoluções tecnológicas e sociais moldaram o perfil do empreendedor. Para a consecução do objetivo proposto, traremos Zen e Fracasso (2008), que enxergam esse processo de mutação a partir de “três paradigmas tecnológicos”: 1) Revolução Industrial; 2) Fordismo e; 3) Tecnologia da Informação.

Buscando caracterizar os distintos tipos empreendedores, Zen e Fracasso (2008, p. 5), em conformidade com o pensamento de Adam Smith em especial sua obra *A riqueza das nações*, apresentam que, com a Revolução Industrial, primeiro paradigma a ser retratado, cujo início se deu no fim do século XVIII, caracterizada por um enfoque em aspectos econômicos e produtivos, três tipos de empresário surgiram: *adventurer*; *projector*; e *undertaker*. O primeiro, *adventurer*, é retratado como um “indivíduo que investe seu capital em empreendimentos de alto risco”, como bem remete a tradução do termo. Já o *projector* pode remeter tanto a quem inventa algo ou arquiteta/elabora planos quanto a alguém “que faz maquinações para trapacear ou roubar”. O último deles, *undertaker* está vinculado, assim como o *projector*, “a realizar projetos”, porém, diferentemente dos anteriores, é mais conservador em seus investimentos, cauteloso, possuindo, assim, caráter mais positivo, já que os anteriores eram mais agressivos em seus investimentos, podendo levar outras pessoas envolvidas no projeto à falência, ou ainda podendo arriscar suas economias que deveriam resguardar para a manutenção do corpo de funcionários da organização.

Como contribuição decorrente do paradigma da Revolução Industrial, há o surgimento da definição do “empreendedor capitalista”, que, de acordo com Zen e Fracasso (2008), a partir da obra de Tigre (1998)², o empreendedor capitalista toma suas decisões baseado “na maximização dos lucros, por meio da seleção da técnica mais apropriada para adquirir os insumos necessários no mercado, incluindo trabalho e tecnologia” (p. 5). A fim de melhor elucidar a definição de empreendedor capitalista, é abordado pelos autores o que seria o

² A obra em questão trata-se de: TIGRE, P.B. Inovação e teorias da firma em três paradigmas. Revista de Economia Contemporânea, n. 3, p. 67-110, jan./jun. 1998.

indivíduo meramente capitalista, estando este mais atrelado ao capital, atuando, seja fornecendo, gerindo ou aplicando capital próprio; em termos atuais, pode ser percebido como uma espécie de “investidor de risco” (Zen e Fracasso, 2008).

Já o empreendedor no contexto Fordista – contexto este pautado pela necessidade constante das organizações em melhorarem sua produtividade, e, também, pelo crescimento das mesmas –, segundo paradigma a ser retratado aqui, caracteriza-se

[...] principalmente pela inovação. Ele não é um inventor, mas um indivíduo capaz de introduzir a invenção na indústria e, assim, produzir inovação: a fabricação de um novo bem; a introdução de um método de produção; a abertura de um novo negócio e o ingresso em um novo mercado; a conquista de uma nova fonte de matéria-prima ou de produtos semiacabados; o estabelecimento de um novo modelo de gestão organizacional (Zen; Fracasso, 2008, p. 8).

Com isso, pode-se visualizar melhor a separação entre empreendedor e gerente, sendo a capacidade de inovar o aspecto de diferenciação entre eles; o primeiro está voltado para a inovação constante e o segundo, pautado mais pela gestão/administração da organização (Zen; Fracasso, 2008). Vale dizer que, a validade de tal aspecto diferenciador - a inovação - não se verifica em todas as circunstâncias, isso porque, segundo Zen e Fracasso (2008, p. 10) para as grandes corporações, as diferenças entre empreendedores e gerentes sofrem algumas alterações: “os empreendedores poderiam ser os executivos que decidem a alocação dos recursos disponíveis na empresa”; já os gerentes, “seriam responsáveis pela coordenação, pela avaliação e pelo planejamento dos meios a eles alocados”.

Embora a ideia de empreendedor nos leve a pensar em alguém possuidor de um próprio negócio, esta não seria a única caracterização, conforme apontado por Zen e Fracasso (2008) a partir de Schumpeter (1983)³. A este respeito, os autores em tela (2008) trouxeram outro tipo de empreendedor, chamado de “intra-empreendedor”, pois seria aquele capaz de gerar inovação “dentro de uma organização já constituída” (p. 10), atuando no aperfeiçoando das atividades e processos internos da organização.

Já no que diz respeito ao perfil do empreendedor no paradigma da Tecnologia da Informação temos, como bem discorrem Zen e Fracasso (2008, p. 11), o empreendedor enquanto criador de uma nova economia, “baseada no conhecimento e na informação, na qual a inovação e a difusão tecnológica se tornaram elementos fundamentais ao desenvolvimento”.

³ A obra em questão trata-se de: SCHUMPETER, J. A Teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Devido a uma tendência de estreitamento de relacionamentos entre as organizações e entre indivíduos de interesses comuns, muito pela facilidade de se conectar com o outro proporcionada pelos avanços tecnológicos, as autoras sugerem o surgimento de dois novos tipos de empreendedores, sendo estes o coletivo e o social – tendo este último maior destaque neste artigo. Com esse novo contexto, como abordam Zen e Fracasso (2008), baseando-se em Schumpeter (1983), os processos de inovação, antes supostamente advindos de uma capacidade fora do comum dos empreendedores, de lapsos de genialidade, agora eram “resultado de trabalho em um grupo”, portanto, logicamente, de maior – e melhor – relacionamento entre os envolvidos.

A fim de caracterizar o “empreendedor coletivo”, Zen e Fracasso (2008, p. 11) identificam duas características que definem bem este tipo, sendo “funcionamento democrático” e agrupamento de pessoas. Basicamente, dizem respeito à liberdade de todos os interessados produzirem e à necessidade da formação de um grupo de indivíduos antes de haver o empreendimento em si. Além disso, empreendimentos coletivos apresentam uma configuração mais convidativa, pois os custos e riscos são compartilhados.

Já o “empreendedor social”, de acordo com Zen e Fracasso, identificando problemas ocasionados pela evolução do capitalismo, passa a se assumir como agente transformador da realidade em que está inserido:

Essa preocupação está presente no campo da economia social – uma parte da economia que reconhece explicitamente a dimensão social pelos valores que lhe correspondem, mas, sobretudo, pelas regras que dão mais prioridade às pessoas do que ao capital, no que diz respeito às decisões, ao poder e aos resultados (2008, p. 12).

Os empreendedores sociais não se diferem muito dos chamados “empreendedores capitalistas”, pois sempre estão engajados em novos projetos, buscando inovar, porém, como fatores-chave de diferenciação, estão voltados para a “justiça social”, e não buscam o lucro em seus empreendimentos (Zen; Fracasso, 2008). Porém, diferem-se eles (empreendedores sociais x empreendedores capitalistas), em Zen e Fracasso (2008, p. 13), no que norteia os seus principais objetivos, pois o empreendedor social busca gerar “uma riqueza coletiva para a comunidade em seu entorno”, divergindo do “empreendedor capitalista”, já que este outro visa a acumulação de riquezas para si próprio.

Segundo Casaqui (2014), as críticas direcionadas ao Capitalismo, devido aos problemas provenientes de um sistema em meio a crises, gerador de desigualdade, falta de postos de

trabalho, precarização do trabalho, entre outros, fizeram com que o empreendedorismo social emergisse e ganhasse mais notoriedade e adeptos. Assim,

[...] o empreendedorismo social surge como perspectiva para aliar a prática de negócios, com a devida profissionalização de seus quadros, com a devoção a uma causa social, que será o mote para a retórica da renúncia às benesses do capitalismo e suas recompensas individuais, para a recompensa na realização de algo que inclui a resolução ou a amenização de um problema social, que considera o outro na perspectiva de sucesso pessoal (Casaqui, 2014, p. 5).

Por se tratar de um problema que assola várias nações e gera inquietação nas populações das mesmas, o empreendedorismo social passa a ser vendido como uma possibilidade de ingressar no mercado de trabalho. Para tanto, é revestida a atuação social com um caráter mais profissional, desvinculando-a, em certa medida, da ideia de voluntariado. Exemplificando, o *Job Party*, evento realizado em Portugal e comumente destinado aos universitários, tendo como organizador o Fórum Emprego, – e tomado por base a alta taxa de desemprego entre os jovens – tem sido palco para empreendedores sociais de sucesso contarem “aos estudantes sobre sua experiência e sobre a possibilidade de profissionalização, para romper a ideia de que se trata somente de voluntariado” (Casaqui, 2014, p. 7).

Outro ponto a ser destacado é a vinculação do empreendedorismo social como ferramenta da renovação do espírito capitalista, em que, o capitalismo assimilando as críticas recebidas em decorrência de diversas crises e distorções sociais causadas, acaba utilizando discursos sociais como legitimadores das práxis capitalista, como dito por Casaqui; ou seja, ainda segundo o autor, “O discurso social, como construção de um mundo, projeta-o como ideal”, gerando “aceitabilidade” e certo “encantamento” no indivíduo (2015, p. 3). Constatata-se tal viés através do crescente uso do termo “social”, como Casaqui (2014, p. 6) verificou em uma série de terminologias daí decorrentes como, por exemplo: “inovação social”, “empresa social” e “economia social”. Portanto,

Na maioria das vezes, o termo “social” é o denominador comum e, em meio à dificuldade de apreensão de seu sentido nas várias aplicações, parece se tornar um signo ideológico (Bakhtin, 1997)⁴, incorporado à retórica que busca modificar o termo a ele associado, conotando-lhe uma aura positiva, vinculada ao “bem comum” (Casaqui, 2014, p.6).

⁴ A obra em questão trata-se de: Bakhtin, M. (Voloshinov) (1997). Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec.

Atualmente, os empreendedores sociais vêm ganhando tanta notoriedade que passaram a ser, de certo modo, “celebridades”, já que constantemente são celebrados e exaltados em revistas, programas de televisão e eventos empresariais. Como exemplo deste caso, Casaqui (2014) retrata o surgimento de eventos que têm o intuito de homenagear e premiar empreendedores sociais que tiveram — ou vinham tendo há algum tempo — destaque no “cenário”. Com isso, organizações de cunho capitalista utilizam-se dessa crescente alcunha “social” a fim de promoverem as suas marcas, atrelando-as à corrente do empreendedorismo social. O Banco Itaú, de atuação intrinsecamente capitalista, em Casaqui (2014, p. 13), no evento Prêmio Trip Transformadores, idealizado e promovido pela revista Trip, evento este patrocinado pelo próprio Itaú, apresentou um *banner* contendo os seguintes dizeres: “Tente mover o mundo. #mude. O primeiro passo será mover a si mesmo”, formulando todo um imaginário de transformação por meio da ação individual.

Campos e Soeiro (2016) abordam o empreendedorismo de modo mais crítico, desmistificando o mito do empreendedorismo, ou segundo eles, “a falácia do Empreendedorismo”, termo que dá título à obra a ser utilizada na pesquisa em voga. Por exemplo, remetendo a visão do empreendedor como o super-herói da vida real, os autores citam o caso de Steve Jobs, que, embora fora “um gestor com um percurso tão controverso” (p. 24), tendo sua imagem ligada ao não reconhecimento de sua primeira filha, Lisa, fora demitido de sua própria empresa, Apple Inc., e até a figura de “patrão tirano”, tenha sido alçado à figura de ícone do empreendedorismo. Indo além, os autores fazem um paralelo com Tim Berners-Lee, esta figura não tão conhecida do grande público, mas que, de fato, impactou o modo de viver da sociedade em medida imensurável, sendo simplesmente o criador do que entendemos por *internet*, e sem pedir a patente dela. Portanto, por que um ao invés do outro enquanto símbolo?

Como muito bem discorrem Campos e Soeiro (2016), a resposta provavelmente esteja na tentativa de instaurar um novo modelo de sociedade, baseada em práticas empreendedoras cotidianas, pautada no conceito de meritocracia, desvinculando, de certa forma, o indivíduo do coletivo, sendo, assim, o indivíduo o único responsável por seu “sucesso”. Assim sendo, apresenta-se “com uma retórica assente na liberdade e na autonomia individual, a narrativa do empreendedorismo tem, por isso, um efeito político cada vez mais evidente: fazer com que cada um se sinta o responsável único pela sua situação” (Campos; Soeiro, 2016, p. 10).

A partir desse interesse, Jobs seria melhor para o movimento do que Berners-Lee, pois “criou uma empresa e alcançou o sucesso, fez esse percurso por ser o mais forte, apesar dos outros, e fê-lo, em última instância, simplesmente porque é um empreendedor” (Campos; Soeiro, 2016, p. 25). Já Berners-Lee, mesmo sendo indiscutivelmente um empreendedor, jamais

tivera sido responsável por abrir uma organização, nem mesmo vinculava suas “ideias geniais” a ganhos financeiros pessoais; além disso, suas ideias advinham de um esforço coletivo, algo criado por um grupo de desenvolvedores. Com isso, alça-se Steve Jobs como ícone do empreendedorismo.

Ainda sobre Campos e Soeiro, em se tratando de empreendedorismo social, a apresentadora de televisão norte-americana Oprah é a escolhida dado ao seu perfil ser ideal para defender o empreendedorismo: “uma pobre menina negra, nascida no sul dos EUA que conseguiu vencer na vida pelo seu próprio esforço”, reforçando, assim, a mensagem de que “tudo é possível”, vendendo o “ideal de mobilidade social para quem estiver disposto a arriscar e empreender” (2016, p.32). Ainda sobre o caso de Oprah, os autores (2016) abordam o fato de ela, como negra, ter tido espaço na televisão norte-americana, após longo período de segregação racial, que, após “décadas de luta coletiva”, chegou à situação encontrada pela apresentadora, apesar de o problema não ter sido extinto, era muito mais amistoso e mais “possível” de casos como o dela acontecerem.

Focalizando-se no “indivíduo e na sua capacidade de adaptação”, surge a definição de “sujeito neoliberal”, caracterizado por ser empreendedor de sua própria vida, responsável único pela sua trajetória profissional e pessoal, “relegando para último plano as condições estruturais de desigualdade social, como os salários, as políticas públicas e as formas de organização coletiva” (Campos; Soeiro, 2016, p. 34). Portanto, sendo o discurso do empreendedorismo propagador desse “sujeito neoliberal”, tanto o “empreendedor capitalista” quanto o “empreendedor social” são representados como figuras compostas pelas qualidades mais valoradas para tal interesse (“resiliência, esforço, determinação, capacidade de iniciativa”), dissociando o indivíduo cada vez mais de “solidariedades coletivas e laços de classe” (Campos; Soeiro, 2016, p. 35).

2.4 IDENTIDADE SINDICAL

Neste subtópico, buscar-se-á fazer um levantamento da retratação histórica da figura do sindicalista, em especial no contexto brasileiro, para que se possa aferir a representação do mesmo e seu processo de formação. Como delimitação, a presente pesquisa focará em três relevantes centrais sindicais: CGT, CUT e Força Sindical.

No livro “Força Sindical: uma análise sociopolítica”, Cardoso e Rodrigues (2009, p. 42) nos apresentam o sindicalista combativo, este como parte do “sindicalismo de luta, organizado ‘pela base’, crítico em relação à estrutura corporativa e orientado para a sua substituição”.

Portanto, segundo os autores, o discurso sindical, historicamente, é caracterizado por ser “agressivo, impositivo, ameaçador, destinado a revelar força, destemo: disposição para o combate” (2009, p. 68).

O “novo sindicalismo”, em resgate ao sindicalismo combativo brasileiro, surgiu em meados de 1978, nos últimos anos de regime militar, remetendo aos ideais clássicos do movimento sindical (Santana, 1999). A CUT — Central Única dos Trabalhadores, cuja fundação data de 1983, torna-se, principalmente em seus primeiros anos de atuação, a central sindical que mais representa esse “novo sindicalismo”. Sua vocação ao combate fica evidente em Antunes e Silva (2015, p. 5): “o sindicalismo cutista nasceu rejeitando as formas de conciliação de classe, defendendo [...] uma ação sindical mais combativa nos embates dos trabalhadores com governos e patrões”.

Reafirmando tal protótipo identitário combativo, um trecho de Santana (2000, p. 19) se faz bastante relevante, em que o autor retrata o foco de ação da CGT (Central Geral dos Trabalhadores) frente às condições de trabalho enfrentadas naquele período, extraída pelo autor do 4º Congresso da CGT, que se basearia na “luta contra o desemprego e pelo aumento da empregabilidade dos trabalhadores”. Há de se destacar, portanto, o caráter de enfrentamento que essa frase nos passa; e também, o constante uso do termo “luta” na construção do corpo do texto, sempre o anexando a alguma atividade dos sindicatos.

Mais adiante, ainda em Santana (2000, p. 20), vê-se uma indicação de que os “sindicatos devem estar na linha de frente da busca da qualificação e da empregabilidade”. Novamente, ressalta-se aqui, remetendo à ideia de combate devido ao uso do termo “linha de frente”.

Assim como o empreendedorismo, em Cardoso e Rodrigues (2009, p. 1), o sindicalismo também se assume como movimento heroico, “onde a classe operária — fundamentalmente os trabalhadores manuais — assumiria o poder político, eliminando os burgueses exploradores, os aristocratas ociosos, o clero mistificador, os militares opressores e outros parasitas do trabalho alheio”.

Com isso, vinculavam-se os sindicatos às frases que remetiam uma ideia de mudança, transformação; como exemplo, tem-se o lema do projeto da Força Sindical: “mudar a sociedade, mudar o Brasil” (Cardoso; Rodrigues, 2009, p. 1).

A força Sindical, já em sua fundação, enquadra-se no chamado “sindicalismo negocial”, em que se almeja gerir os conflitos existentes na relação capital e trabalho, dentro da ótica capitalista, por meio de um ambiente moderado de negociação (Antunes; Silva, 2015).

A identidade apresentada, de momento, não necessariamente precisa ser a mesma de outrora, mesmo que se dissocie, em determinado grau, da faceta identitária originária. Antunes

e Silva (2015) trazem o caso da CUT, que, de acordo com eles, teria passado, ao longo de seu curso de atuação, de uma faceta combativa para uma negocial; então, o sindicalista da arena de luta de classes daria lugar ao gestor. Continuando, ainda com a CUT sob olhar:

Esta “nova” práxis sindical tinha — e ainda tem — na negociação seu instrumento de ação predominante e acentua a propositura de que não bastava ao sindicalismo assumir tão somente uma conduta de rejeição às iniciativas dos patrões e governos, mas procurava, frente aos dilemas enfrentados pelos trabalhadores, construir alternativas “propositivas” consideradas mais viáveis e realistas (Antunes; Silva, 2015, p. 6).

A postura adotada por um específico sindicato pode sofrer alterações conforme seus embates forem ocorrendo, o contexto for mudando e à medida em que sua massa de associados for trazendo novos anseios. Portanto, nada impede de um sindicato combativo transitar para uma abordagem negocial e, a depender da “conjuntura política e da situação socioeconômica”, voltar a ter essa identidade combativa, até mais acentuada que outrora.

Além das representações já identificadas, há também o “sindicalista pelego” — ou “ministerialista”, ou “colaboracionista”, todos estes termos de mesmo significado. “É evidente que o objetivo do uso desses termos é desqualificar o adversário, identificando-o como representante não de uma concepção política distinta, mas sim de interesses contrários aos da própria classe trabalhadora” (Fortes, 2009, p. 4). Ou seja, eles se mostravam mais como uma extensão do Estado ou da empresa, com intenções de controlar aquele coletivo. O “pelego”, então, mesmo se vendendo como representante legítimo da base sindical, estaria mais interessado em gerar melhores conjunturas para outro grupo (geralmente empresários e/ou políticos), e até para si próprio; os trabalhadores sindicalizados, neste cenário, não teriam suas reivindicações plenamente atendidas e, às vezes, a depender das negociações, passariam a encarar condições de trabalho mais precárias.

Em artigo publicado no site CUT, datado de 2021, período este marcado pela pandemia de COVID-19, outra faceta do sindicalista nos é apresentada. Alegando abandono por parte do Governo Federal, sob mandato de Jair Bolsonaro, o sindicalismo sai da ótica meramente trabalhista, e volta-se para o trabalhador enquanto indivíduo. Como disposto no artigo, é reforçado que “as ações solidárias, cidadãs, já são feitas há muito tempo pelos sindicatos e, agora, foram intensificadas na crise sanitária” (Accarini, 2021). Portanto, o sindicalista seria retratado como solidário, voltado para questões cruciais que fujam ao embate comum “patrão x empregado”.

Continuando ao disposto acima, ainda no artigo apresentado, Sérgio Nobre, presidente nacional da CUT, argumenta que

Os sindicatos vão de doação de alimentos, material de higiene até construir locais para população de rua beber água. São ações solidárias e fraternas, que fortalecem nossos sindicatos, fortalecem a CUT e todas as centrais sindicais. Porque solidariedade é um dos princípios sobre os quais se ergueu o sindicalismo (Accarini, 2021).

Um ponto importante em se tratando de sindicalismo é a desvinculação do mesmo da concepção de carreira, onde os próprios sindicalistas acabam por não perceberem sua atuação nos sindicatos como uma atividade profissional. Ou seja, antes de sindicalistas veem-se como trabalhadores comuns (operários, mecânicos, entre outros), algo que pode ser constatado em Cardoso e Rodrigues:

[...] mesmo quando se ocupam durante dezenas de anos da atividade sindical, administrando recursos financeiros poderosos, não consideram a função de “diretores de sindicatos” (ou, de modo mais eufemístico, de “dirigentes sindicais”) como a sua profissão (2009, p. 19).

Anselmo Ruoso, atual presidente do Sindicato dos Petroleiros do Paraná e Santa Catarina, em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos — IHU (2007), trata das dificuldades encontradas pelo sindicalismo na atual conjuntura político-social. Anselmo discorre sobre o aumento da individualidade, fruto do discurso neoliberal pautado pelo capitalismo, como o maior dilema a ser gerido, onde os ingressantes no mercado de trabalho se formaram em um contexto de difusão da ótica neoliberal, e, com isso, eles “vêm com essa visão de disputa, de individualidade, de que é necessário estar preparado para o mercado. ‘É ele contra todo mundo’. E fica difícil você quebrar essa visão e criar o conceito de coletividade” (Instituto Humanitas Unisinos, 2007).

Depreende-se com a ideia de coletividade que o sindicalista, ao menos no sindicalismo de outrora, tem alto grau de pertencimento a causa sindical, ao bem coletivo, na qual necessita que os filiados compartilhem de interesses comuns, estejam no mesmo estado anímico, além de cientes das pautas em destaque e consonantes com as estratégias de enfrentamento adotadas; remetendo, inclusive, ao conceito de identidade-nós de Norbert Elias (1994).

O senso de coletividade, porém, na relação entre diferentes sindicatos, nem sempre é regra. Continuando a entrevista ao IHU (2007), ao ser indagado sobre o aumento do corporativismo nos sindicatos, Anselmo cita o próprio sindicato em que preside:

No nosso caso, depois da greve de 1995, o sindicato se tornou extremamente corporativista, porque era uma questão de sobrevivência. A capacidade de

estar vendo além não existia porque mal se conseguia gerir as questões internas. Claro que com o passar do tempo conseguimos sair um pouco daquele atropelo e começamos a nos envolver com outras questões. Reconheço que ainda é insuficiente esse processo de olhar a realidade externa. Quando se está num patamar bom, é o melhor momento de puxar todo mundo junto. E, quando se está em baixa, fica difícil pensar as questões externas (Instituto Humanitas Unisinos, 2007).

Portanto, evidencia-se o processo de mutação ao qual são submetidos os sindicatos, à medida que vão se deparando com mudanças nas dinâmicas de relação de poder entre Governo x empresariado x sindicatos, no perfil dos sindicalistas membros e, incluso, alterações nos anseios da classe trabalhadora.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Configura-se como objeto, nesta pesquisa, a percepção identitária que os discentes do curso de Bacharelado em Administração da UFJF possuem acerca das figuras empreendedor e sindicalista. Os sujeitos seriam, por conseguinte, os discentes do curso de Bacharelado em Administração da UFJF – câmpus sede.

A pesquisa foi de abordagem quantitativa, abordagem de pesquisa que “tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana” (Silveira; Córdova, 2009, p. 33). Ademais, segundo de Castro et al. (2024, p. 3), “esse modo de pesquisa baseia-se em tudo aquilo que pode ser colocado em números para análise, sendo tratado e transformado em estatística”.

Em relação à sua natureza, a investigação apresenta-se como básica, pois assume o interesse de produzir novos conhecimentos, mas sem previsão de aplicação prática (Silveira; Córdova, 2009).

Como há o objetivo de estudar as “opiniões, atitudes e crenças” (Gil, 2002) dos sujeitos da pesquisa (discentes de Administração) acerca do perfil identitário das figuras do empreendedor e sindicalista, a pesquisa assume-se como descritiva. Assim sendo, Gil traz a seguinte definição: “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (2002, p. 42).

Quanto ao procedimento para coleta de dados, adotou-se o método *survey*. Como Freitas (et al., 2000) bem discorre, o levantamento do tipo *survey* é utilizado quando se objetiva conhecer as “características, ações ou opiniões” do público-alvo. Deste modo, obtém-se dados e/ou informações de uma amostra do público-alvo, geralmente por meio de questionários.

A técnica de coleta de dados empregada na pesquisa foi a aplicação de questionário fechado, predominantemente em escala Likert, conforme o grau de concordância do inquirido. As informações coletadas foram extraídas de fontes primárias, pelo fato de terem sido levantadas diretamente com os sujeitos da pesquisa. A competência da pesquisa não foi de confirmar ou contestar conjecturas, mas de reunir informações sobre a percepção de indivíduos acerca dos atores estudados.

Utilizou-se amostragem não-probabilística, isso porque, os entrevistados foram escolhidos por meio de amostragem por julgamento, já que foram selecionados de maneira proposital pois apresentam as características buscadas: estarem matriculados no curso de Bacharelado em Administração da UFJF. Portanto, “o pesquisador usa o seu julgamento para

selecionar os membros da população que são boas fontes de informação precisa” (Veludo-de-Oliveira, 2001, p. 3).

Já com o questionário elaborado, seguiu-se para a próxima etapa: aplicação do questionário. A aplicação do questionário se deu em dezembro de 2025. Objetivando-se maior adesão ao questionário, não foi feita a aplicação de pré-teste; aqueles que viessem a participar do pré-teste poderiam se sentir desestimulados a responder novamente ao questionário. Outro fator determinante por se optar pela não aplicação de pré-teste foi o tempo limite para a conclusão da presente pesquisa, e pular essa etapa deixou o cronograma mais adequado.

Obter significativa adesão ao questionário, foi o principal desafio enfrentado. Devido ao pouco engajamento por parte dos discentes em responder ao questionário eletrônico e objetivando o maior número possível de respondentes, fez-se necessária a aplicação presencial de questionários nas instalações da Faculdade de Administração e Ciências Contábeis (FACC). Por meio da aplicação presencial, recolheu-se 23 respostas, porém apenas 15 destas foram consideradas válidas e, por conseguinte, incorporadas à pesquisa; a exclusão dos outros 8 questionários se justificou pela ausência de algumas respostas, ou por imprecisões diversas, inviabilizando que fossem utilizados. Por fim, chegou-se ao número de 24 respostas via questionário eletrônico e 15 via questionário físico, totalizando 39 respostas válidas.

Uma vez coletadas as respostas, fez-se a análise dos dados. A esse respeito, Teixeira (2003, p. 15) nos traz que

A análise de dados é o processo de formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado. A análise dos dados é um processo complexo que envolve retrocessos entre dados pouco concretos e conceitos abstratos, entre raciocínio indutivo e dedutivo, entre descrição e interpretação. Estes significados ou entendimentos constituem a constatação de um estudo.

Uma vez aplicados os questionários e obtido um montante satisfatório de respostas, os dados foram condensados em uma planilha utilizando o software Excel. Isto feito, foram produzidas tabelas que indicam descrição quantitativa básica dos dados obtidos, os quais serão apresentados no capítulo que se segue.

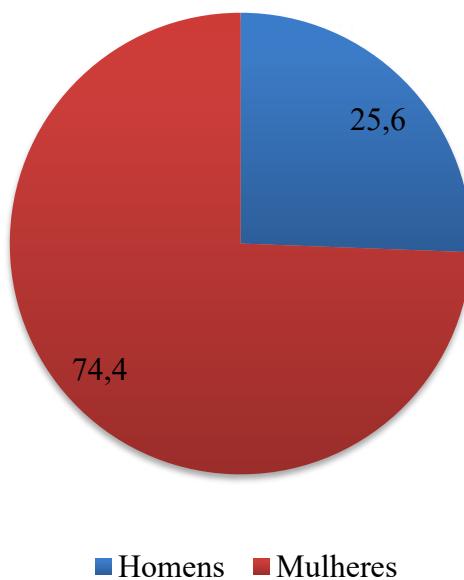
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentar-se-á os resultados obtidos por meio dos questionários aplicados aos discentes do Bacharelado em Administração, gerando análises descritivas. No subtópico 4.1, traremos a delimitação da amostra encontrada, distribuindo-a em variados grupos, objetivando descrever o perfil dos respondentes. Já no subtópico 4.2, porém, o foco estará voltado para apresentar as percepções dos respondentes sobre as figuras do empreendedor e do sindicalista, com enfoque em descrever os diferentes julgamentos encontrados para cada figura. Por fim, no subtópico 4.3, discutiremos os resultados encontrados acerca das identidades empreendedora e sindical, após análises descritivas das respostas levantadas.

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

O presente subtópico tem como objetivo delimitar o perfil dos respondentes da pesquisa. Para tanto, os primeiros gráficos e tabelas que se seguem têm como objetivo apresentar os dados quantitativos coletados referentes à primeira seção do questionário, voltada a apreender o perfil dos respondentes. Assim sendo, vê-se a partir do gráfico 1, disponibilizado a seguir, a distribuição dos respondentes a partir da variável “sexo”:

Gráfico 1 – Distribuição por sexo

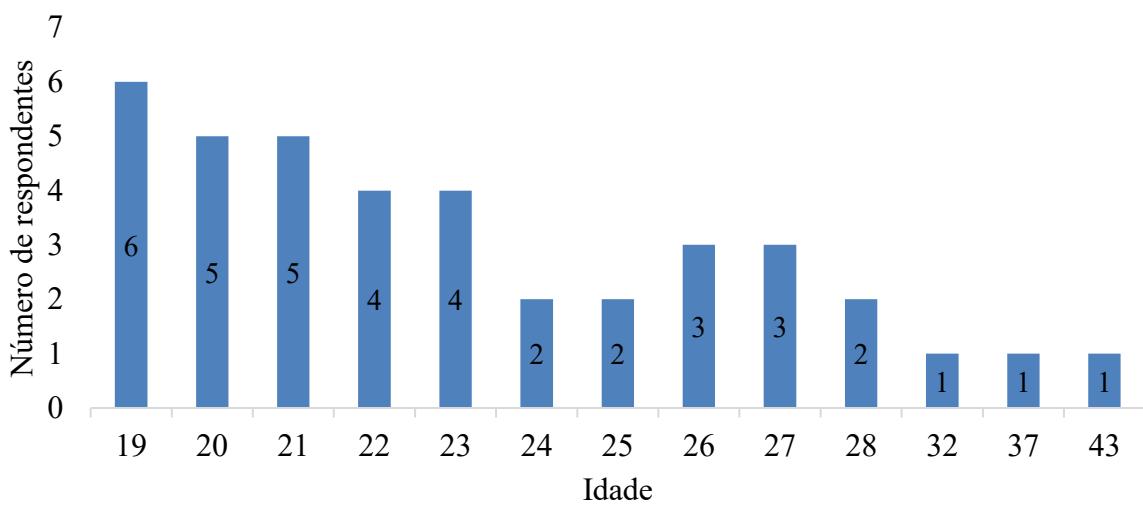


Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

De acordo com os dados apresentados no gráfico supracitado, houve uma massiva diferença de respondentes entre homens e mulheres de tal forma que as mulheres representam 74,4% do total de 39 respondentes, ficando os homens responsáveis por 25,6% das respostas.

Continuando a apresentação do perfil dos respondentes, por meio do gráfico abaixo, apresenta-se a distribuição da idade dos mesmos:

Gráfico 2 – Distribuição por idade dos respondentes

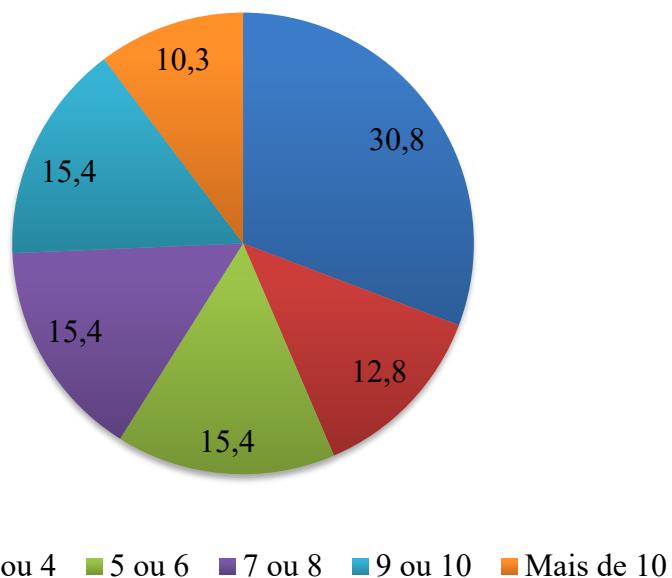


Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Os respondentes têm preponderantemente entre 19 e 23 anos, representando 61,5% das respostas. Tal fato indica, portanto, maior adesão por parte dos respondentes mais novos e que, necessariamente, estariam cursando os primeiros períodos do curso de Administração.

Outro fator relevante para se conhecer o perfil dos discentes respondentes é o número de semestres cursados, disponibilizado no gráfico a seguir:

Gráfico 3 – Distribuição por semestres cursados



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Com o gráfico 3, é possível identificar uma distribuição consideravelmente homogênea, com as 5 opções obtendo ao menos 10% das respostas. A opção de até 2 semestres cursados, porém, é a alternativa com maior aderência, representando 30,8% do total de respondentes, o que, assim como ficou indicado a partir dos dados apresentados no Gráfico 2, indica uma amostragem com maior participação de discentes ingressantes há pouco tempo no curso de Bacharelado em Administração.

Através da tabela que se segue, objetiva-se distribuir os respondentes em dois grupos: aqueles que apenas seguiram a grade curricular padrão e aqueles com participação em projetos extraclasse.

Tabela 1 – Participação em projetos extraclasse

	Número de respostas	Percentual (%)
Grade curricular padrão	22	56,4
Projetos extraclasse	17	43,6
Total	39	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Observa-se que, na tabela 1, os dados apontam um percentual de 43,6% de participação dos respondentes em atividades para além da grade curricular padrão. Os dados obtidos aqui servirão de base para futuras análises neste capítulo.

A tabela 2 apresenta a distribuição dos discentes em quatro opções de atividades extraclasse, de acordo com os dados dispostos na tabela 1.

Tabela 2 – Distribuição em projetos extraclasse

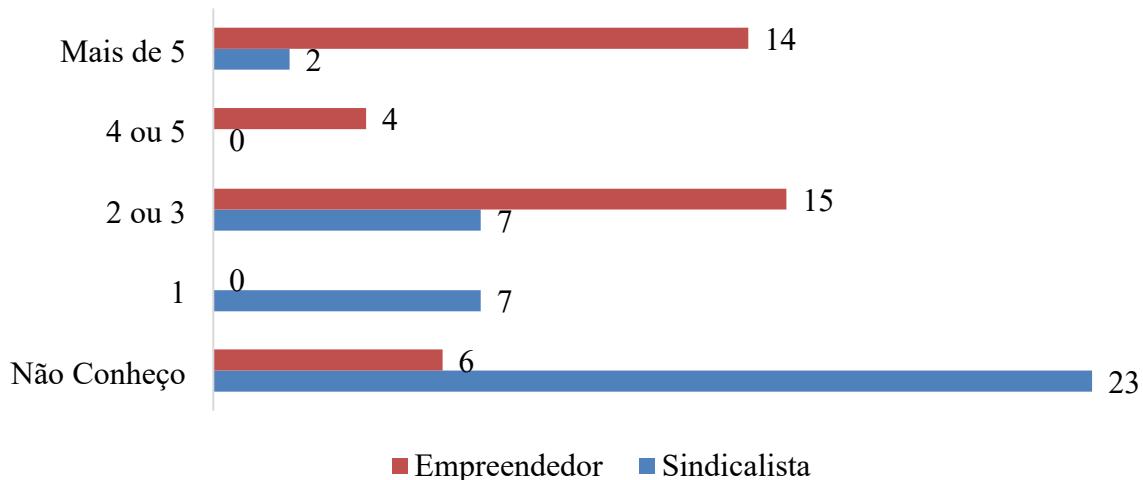
Opções de atividades	Número de respostas	Percentual (%)
Agremiação Estudantil	4	16
Empresa Júnior	10	40
Programa de Extensão	6	24
Programa de Pesquisa	5	20
Total	25	100%

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Dentre as opções de atividades extraclasse, como é disposto na tabela 2, atuar em Empresa Júnior obteve 40% do total das respostas, seguida por Programa de Extensão, Programa de Pesquisa e Agremiação Estudantil, com 24%, 20% e 16%, respectivamente. Ressalta-se que 5 respondentes alegaram ter participado de 2 ou 3 atividades extraclasse, justificando, assim, o número total de 25 respostas, diferentemente das 17 esperadas.

A seguir, ainda com a apresentação dos perfis básicos dos respondentes, perguntou-se se os respondentes conhecem — ou não — pessoalmente indivíduos que se enquadrem nos atores em foco desta pesquisa (empreendedor e sindicalista). As respostas obtidas foram as seguintes:

Gráfico 4 – Conhecer pessoalmente os atores da pesquisa

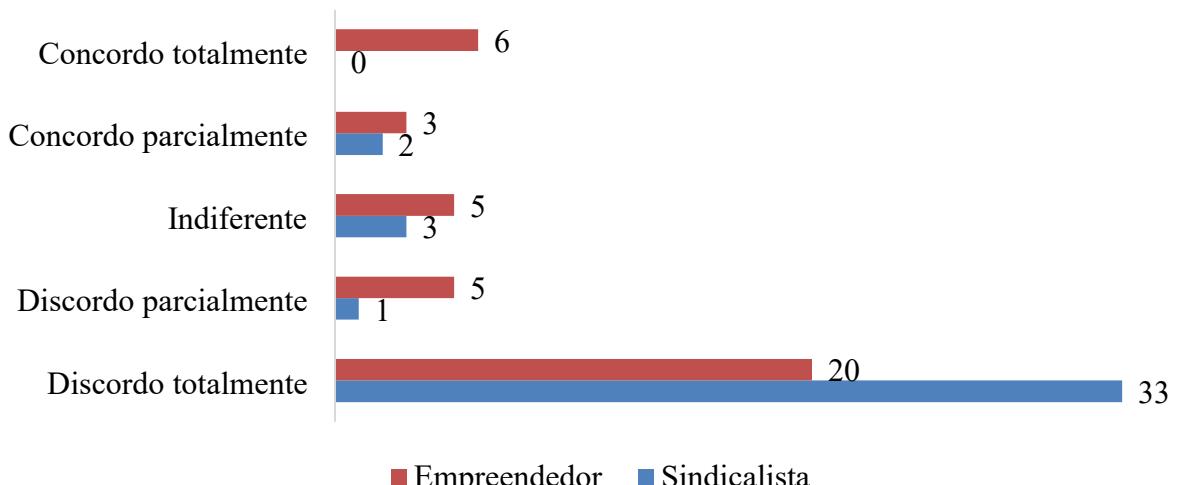


Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Pode-se verificar, através do gráfico apresentado, que há uma disparidade quanto ao fato de conhecer pessoalmente um dos atores. Do total de respondentes, 33 (84,6%) afirmaram conhecer pessoalmente ao menos 2 empreendedores. Em contraste, 23 respondentes afirmaram conhecer nenhum sindicalista pessoalmente, o que equivale a 59% do total de respostas.

No gráfico 5, a ser trazido a seguir, demonstra-se quantos inquiridos se definem como empreendedores e/ou sindicalistas.

Gráfico 5 – Perceber-se como empreendedor e/ou sindicalista



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Depreende-se, após análise do gráfico 5, que a maior parte dos respondentes não se percebe como empreendedor, muito menos como sindicalista, visto que 33 (84,6%) respondentes disseram discordar totalmente quanto à afirmação “sou um sindicalista”. Dentre os respondentes, apenas 6 afirmaram categoricamente serem empreendedores, enquanto nenhum dos respondentes afirmou o mesmo a respeito de ser sindicalista.

Com o intuito de identificar a percepção dos respondentes acerca do interesse em atuar como empreendedor e/ou sindicalista, traz-se a tabela 3, disponibilizada a seguir:

Tabela 3 – Empreendedor e sindicalista como possibilidade de atuação, segundo os respondentes

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
Tenho interesse em ser um empreendedo r.	5 (12,8%)	-	10 (25,6%)	11 (28,2%)	13 (33,8%)	39 (100%)
Tenho interesse em ser um sindicalista.	21 (53,8%)	11 (28,2%)	6 (15,4%)	1 (2,6%)	-	39 (100%)
Total	2	3	22	22	29	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Claramente, há uma disparidade nas percepções dos discentes: atuar como empreendedor é uma possibilidade, enquanto sindicalista, não. Assim apontaram os dados obtidos, visto que 24 (62%) respondentes concordaram — total e parcialmente — com a possibilidade de atuar como empreendedor; voltada para a atuação enquanto sindicalista, apenas 1 (2,6%) respondentes alegou concordar com essa possibilidade, e parcialmente.

Corroborando com o discorrido acima, não se ver atuando como empreendedor recebeu o número de 5 (12,8%) respostas, e para atuar como sindicalista, 32 (82%) discentes não têm interesse.

Por fim, o fato de a pesquisa em voga ter como objetivo central obter um panorama sobre as percepções dos discentes do curso de Bacharelado em Administração acerca da identidade das figuras empreendedor e sindicalista, conhecer como estes atores são retratados em sala de aula se mostra importante, isso porque a formação acadêmica formal pode contribuir para a visão dos discentes com relação a tais figuras.

Tabela 4 – Retratação das figuras em sala de aula

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
A figura do empreendedor foi retratada em sala de aula.	1 (2,6%)	-	2 (5,1%)	12 (30,8%)	24 (61,5%)	39 (100%)
A figura do sindicalista foi retratada em sala de aula.	17 (43,6%)	5 (12,8%)	7 (17,9%)	8 (20,5%)	2 (5,1%)	39 (100%)
Total	18	5	9	20	26	-
A figura do empreendedor foi retratada positivamente em sala de aula.	-	-	6 (15,4%)	10 (25,6%)	23 (59%)	39 (100%)
A figura do sindicalista foi retratada positivamente em sala de aula.	15 (38,5%)	4 (10,3%)	10 (25,6%)	9 (23,1%)	1 (2,6%)	39 (100%)

Total	15	4	16	19	24	-
-------	----	---	----	----	----	---

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Acerca do exposto acima, é possível afirmar que há uma maior retratação da figura do empreendedor, com 24 respondentes afirmando concordar totalmente com a afirmativa de que a figura do empreendedor fora retratada em sala de aula. Quando nos debruçamos sobre as respostas obtidas sobre a retratação da figura do sindicalista em sala de aula, apenas 2 respondentes afirmaram o mesmo. Além disso, nenhum discente respondeu que discorda (total ou parcialmente) da afirmação sobre o empreendedor, mas 19 discentes discordam quando se trata do sindicalista. Ou seja, é notória a diferença de retratação dada às figuras em sala de aula, ficando o empreendedor em maior destaque — ou o sindicalista em negligência.

Além do levantamento com relação à ocorrência de retratação das figuras estudadas em sala de aula, perguntou-se também sobre o teor dessa retratação: se foi positivo ou não. Assim sendo, resultados apontam para uma abordagem positiva ao se tratar do empreendedor, com 23 (59%) dos discentes concordando totalmente com a afirmativa de que “a figura do empreendedor foi retratada positivamente em sala de aula”. Já com relação à figura do sindicalista, apenas 1 (2,6%) discente afirma concordar totalmente com a afirmação de que “a figura do sindicalista foi retratada positivamente em sala de aula”.

4.2 FIGURA DO EMPREENDEDOR E DO SINDICALISTA, SEGUNDO AS PERCEPÇÕES DOS RESPONDENTES

Feita a apresentação inicial do perfil dos respondentes, adentrar-se-á, nesta parte dos resultados, em questões que objetivavam aferir as percepções dos inquiridos sobre as figuras do empreendedor e dos sindicalistas. Para tanto, será disposta uma afirmação direta, e posteriormente, os dados levantados serão cruzados com outras variáveis. Desta forma, gerando mais e melhores informações no que tange às percepções dos discentes do Bacharelado em Administração da UFJF com relação às figuras do empreendedor e do sindicalista.

Por meio da tabela 5, a ser apresentada adiante, traz-se os dados obtidos a partir das afirmativas “a figura do empreendedor é vista por mim positivamente” e “a figura do sindicalista é vista por mim positivamente”. Os dados obtidos na tabela 5 servirão de base para cruzamento de dados ao longo deste subtópico, portanto assumindo um papel importante para geração de informações relevantes.

Tabela 5 – Percepções acerca das figuras (empreendedor e sindicalista)

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
A figura do empreendedor r é vista por mim positivamente	-	2 (5,1%)	6 (15,4%)	10 (25,6%)	21 (53,8%)	39 (100%)
A figura do sindicalista é vista por mim positivamente	2 (5,1%)	1 (2,6%)	16 (41%)	12 (30,8%)	8 (20,5%)	39 (100%)
Total	2	3	22	22	29	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Demonstra-se, na tabela 5, uma percepção mais positiva por parte dos discentes do curso de Administração acerca da figura do empreendedor em detrimento do sindicalista. Conforme os dados apresentados no tabela 4, 79,5% dos inquiridos responderam ver a figura do empreendedor (total ou parcialmente) de maneira positiva, enquanto a figura do sindicalista aparece com números menores, ficando com 51,3%. A alternativa “indiferente” também merece destaque: a figura do sindicalista é percebida com indiferença por 41% dos inquiridos, enquanto a respeito do empreendedor, a percepção fica em somente 15,4%.

Deve-se se atentar para o fato de que, nas alternativas “discordo totalmente” e “discordo parcialmente”, ambas as figuras foram percebidas com percentuais bastante próximos: a figura do empreendedor aparece com 5,1% dos respondentes apontando discordar (total ou parcialmente) da visão positiva; já a figura do sindicalista aparece com 7,7% respostas nessa direção, uma diferença de apenas 2,6% dos respondentes.

Buscando melhor descrever as percepções apontadas pelos inquiridos, utilizaremos as variáveis trazidas no subtópico 4.1 em cruzamento com os dados obtidos na tabela 5. Na tabela 6, a seguir, apresenta-se os dados obtidos a partir do cruzamento das variáveis “idade” e “percepção dos respondentes sobre a figura do empreendedor”.

Tabela 6 – Idade dos respondentes e suas percepções sobre a figura do empreendedor

Idade	A figura do empreendedor é vista por mim positivamente.						Total
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente		
19–20	-	-	1 (2,6%)	2 (5,1%)	8 (20,5%)	11 (28,2%)	
21–22	-	-	1 (2,6%)	3 (7,7%)	5 (12,8%)	9 (23,1%)	
23–24	-	-	3 (7,7%)	2 (5,1%)	1 (2,6%)	6 (15,4%)	
25–26	-	-	-	2 (5,1%)	3 (7,7%)	5 (12,8%)	
27–28	-	1 (2,6%)	1 (2,6%)	1 (2,6%)	2 (5,1%)	5 (12,8%)	
32–43	-	1 (2,6%)	-	-	2 (5,1%)	3 (7,7%)	
Total	-	2 (5,1%)	6 (15,4%)	10 (25,6%)	21 (53,8%)	39 (100%)	

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Observando a tabela 6, percebe-se uma tendência dos grupos mais jovens em avaliarem positivamente a figura do empreendedor. Como exemplo, 8 dos 11 respondentes entre 19 e 20 anos afirmaram “concordar totalmente” com uma avaliação positiva da figura do empreendedor.

Agora, o prisma se volta para a figura do sindicalista, como podemos ver na tabela 7:

Tabela 7 – Idade dos respondentes e suas percepções sobre a figura do sindicalista

Idade	A figura do sindicalista é vista por mim positivamente.						Total
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente		
19–20	-	1 (2,6%)	6 (15,4%)	3 (7,7%)	1 (2,6%)	11 (28,2%)	
21–22	-	-	3 (7,7%)	4 (10,3%)	2 (5,1%)	9 (23,1%)	
23–24	-	-	4 (10,3%)	2 (5,1%)	-	6 (15,4%)	
25–26	-	-	3 (7,7%)	1 (2,6%)	1 (2,6%)	5 (12,8%)	
27–28	1 (2,6%)	-	-	1 (2,6%)	3 (7,7%)	5 (12,8%)	
32–43	1 (2,6%)	-	-	1 (2,6%)	1 (2,6%)	3 (7,7%)	
Total	2 (5,1%)	1 (2,6%)	16 (41%)	12 (30,8%)	8 (20,5%)	39 (100%)	

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Analizando a tabela 7, voltada para as percepções sobre a figura do sindicalista, os números aparentam não dizer muito, ficando as divisões em idades com pouca diferenciação. Talvez, pode-se dizer que os respondentes acima de 25 anos tendem a perceber mais positivamente a figura em questão, se postos em oposição aos mais jovens. Representando 33,3% do total de respondentes, o grupo acima de 25 anos corresponde a 5 das 8 respostas que afirmam “concordar totalmente”, evidenciando uma possível avaliação mais positiva.

Discorrido sobre as percepções dos discentes distribuídas por faixas de idade, nas próximas duas tabelas que se seguem se levantarão os números da variável “sexo” aplicados nas afirmativas “a figura do empreendedor é vista por mim positivamente” e “a figura do sindicalista é vista por mim positivamente”.

Tabela 8 – Sexo dos respondentes e suas percepções sobre a figura do empreendedor

Sexo	A figura do empreendedor é vista por mim positivamente.						Total
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente		
Homens	-	1 (2,6%)	3 (7,7%)	3 (7,7%)	3 (7,7%)	3 (25,6%)	10
Mulheres	-	1 (2,6%)	3 (7,7%)	7 (18%)	18 (46,2%)	29 (74,4%)	29
Total	-	2 (5,1%)	6 (15,4%)	10 (25,6%)	21 (53,8%)	39 (100%)	39

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Identificou-se, por meio da tabela 8, que as mulheres penderam mais para uma avaliação positiva da figura do empreendedor. Justificando, 86,2% das respondentes mulheres disseram concordar total ou parcialmente com uma avaliação positiva. Já com relação aos homens, 60% afirmaram também possuir uma avaliação positiva sobre a figura do empreendedor, número 26,2% menor ao exposto pelas mulheres. Em sentido oposto, chama a atenção o fato de que, apesar de poucos respondentes em termos quantitativos, 40% dos respondentes homens disseram que são “indiferentes” ou “discordam parcialmente” da afirmação proposta. Já com relação às respondentes mulheres, apenas 13,8% disseram o mesmo.

Dispuestos adiante, na tabela 9, os dados voltados sobre as percepções para com a figura do sindicalista.

Tabela 9 – Sexo dos respondentes e suas percepções sobre a figura do sindicalista

Sexo	A figura do sindicalista é vista por mim positivamente.						Total
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente		
Homens	-	-	5 (12,8%)	2 (5,1%)	3 (7,7%)	10	10 (25,6%)
Mulheres	2 (5,1%)	1 (2,6%)	11 (28,2%)	10 (25,6%)	5 (12,8%)	29 (74,4%)	29
Total	2 (5,1%)	1 (2,6%)	16 (41%)	12 (30,8%)	8 (20,5%)	39 (100%)	39

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Com a figura do sindicalista como foco da análise, os dados trazidos na tabela 9 não demonstram qualquer diferença notável de percepção entre homens e mulheres. Ou seja, ambos os grupos apresentam números percentuais próximos em concordo total ou parcialmente e, também, em “indiferente”, com apenas o grupo das mulheres incorrendo em respostas em discordo total ou parcialmente, algo que pode se justificar pela maior participação das mulheres na pesquisa.

Outra variável relevante para a temática, os dados sobre a quantidade de semestres cursados serão cruzados com os dados das percepções dos respondentes, nas tabelas 10 e 11.

Tabela 10 – Quantidade de semestres cursados pelos respondentes e suas percepções sobre a figura do empreendedor

A figura do empreendedor é vista por mim positivamente.						
Semestres cursados (contando com o atual).	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	Total
Mais de 10	-	-	1 (2,6%)	1 (2,6%)	2 (5,1%)	4 (10,3%)
9–10	-	-	2 (5,1%)	2 (5,1%)	2 (5,1%)	6 (15,4%)
7–8	-	1 (2,6%)	1 (2,6%)	1 (2,6%)	3 (7,7%)	6 (15,4%)
5–6	-	-	1 (2,6%)	3 (7,7%)	2 (5,1%)	6 (15,4%)
3–4	-	-	-	1 (2,6%)	4 (10,3%)	5 (12,8%)
Até 2	-	1 (2,6%)	1 (2,6%)	2 (5,1%)	8 (20,5%)	12 (30,8%)
Total	-	2 (5,1%)	6 (15,4%)	10 (25,6%)	21 (53,8%)	39 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Através desse cruzamento de dados, percebe-se que a maior parte das respostas “concordo totalmente” está presente nos discentes de até 4 semestres cursados, em especial para o grupo de até dois semestres, responsável por 8 das 21 respostas, ou 38,1%. No restante, os números apresentam características similares.

A seguir, a mesma temática será voltada para a percepção sobre o sindicalista.

Tabela 11 – Quantidade de semestres cursados pelos respondentes e suas percepções sobre a figura do sindicalista

A figura do sindicalista é vista por mim positivamente.						
Semestres cursados (contando com o atual).	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	Total
Mais de 10	-	-	2 (5,1%)	-	2 (5,1%)	4 (10,3%)
9–10	-	-	4 (10,3%)	1 (2,6%)	1 (2,6%)	6 (15,4%)
7–8	-	-	2 (5,1%)	4 (10,3%)	-	6 (15,4%)
5–6	1 (2,6%)	-	3 (7,7%)	1 (2,6%)	1 (2,6%)	6 (15,4%)
3–4	1 (2,6%)	1 (2,6%)	2 (5,1%)	1 (2,6%)	-	5 (12,8%)
Até 2	-	-	3 (7,7%)	5 (12,8%)	4 (10,3%)	12 (30,8%)
Total	2 (5,1%)	1 (2,6%)	16 (41%)	12 (30,8%)	8 (20,5%)	39 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Assim como fora identificado na tabela 10, os dados da tabela 11 trouxeram o grupo de até 2 semestres com as percepções mais positivas acerca da figura do sindicalista. Neste sentido, destaca-se que 45% dos respondentes que disseram concordar total ou parcialmente com a afirmação possuem até dois semestres cursados. Tais dados podem indicar que quanto mais

tempo de curso menor é a estima pela figura do sindicalista, entretanto carece de maior número de inquiridos com mais semestres cursados. Quanto aos dados obtidos de respondentes de outros semestres, estes apresentam-se como bastante similares.

Neste momento, iremos trazer os dados sobre a trajetória acadêmica dos discentes e as percepções dos mesmos acerca das figuras em destaque. Na tabela 12, as percepções sobre o empreendedor estarão em destaque.

Tabela 12 – Trajetória acadêmica dos respondentes e suas percepções sobre a figura do empreendedor

	A figura do empreendedor é vista por mim positivamente.					
Histórico acadêmico.	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	Total
Grade curricular base	-	1 (2,1%)	2 (4,3%)	4 (8,5%)	15 (31,9%)	22 (46,8%)
Agremiação	-		2	1	1	4
Estudantil	-		(4,3%)	(2,1%)	(2,1%)	(8,5%)
Empresa	-		3	3	4	10
Júnior	-		(6,4%)	(6,4%)	(8,5%)	(21,3%)
Programa de Extensão	-		2 (4,3%)	2 (4,3%)	2 (4,3%)	6 (12,8%)
Programa de Pesquisa	-	1 (2,1%)	1 (2,1%)	1 (2,1%)	2 (4,3%)	5 (10,6%)
Total	-	2 (4,3%)	10 (21,3%)	11 (23,4%)	24 (51,1%)	47 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

A partir dos dados apresentados na tabela anterior, destaca-se o fato de 15 (68,2%) dos 22 respondentes da “grade curricular base” terem concordado totalmente com a afirmativa “a figura do empreendedor é vista por mim positivamente”. As demais alternativas obtiveram 18,2%, 9,1% e 4,5%, excetuando-se “discordo totalmente”, que apresentou nenhuma resposta. Ou seja, somadas chegam a 31,8%, valor menor do que a metade das respostas “concordo totalmente”.

Os discentes com vivência mais ampla, apontando para maior imersão no ambiente universitário, penderam para respostas distribuídas mais uniformemente entre as alternativas dispostas. Vale destacar que, na tabela, encontrou-se o total de 47 respostas, diferentemente das 39 (relativas ao total de respondentes) esperadas, pelo fato de alguns discentes terem participado de 2 ou 3 atividades extraclasse ao longo de sua trajetória acadêmica.

Os dados sobre as percepções a respeito da figura do sindicalista serão postos a seguir, na tabela 13, como veremos a seguir:

Tabela 13 – Trajetória acadêmica dos respondentes e suas percepções sobre a figura do sindicalista

Histórico acadêmico.	A figura do sindicalista é vista por mim positivamente.						Total
	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Indiferente	Concordo parcialmente	Concordo totalmente		
Grade curricular base	2 (4,3%)	-	11 (23,4%)	5 (10,6%)	4 (8,5%)	22 (46,8%)	
Agremiação	-	-	1 (2,1%)	1 (2,1%)	2 (4,3%)	4 (8,5%)	
Estudantil	-	-	4 (8,5%)	4 (8,5%)	2 (4,3%)	10 (21,3%)	
Empresa	-	-	1 (2,1%)	2 (4,3%)	3 (6,4%)	6 (12,8%)	
Júnior	-	-	1 (2,1%)	1 (2,1%)	3 (6,4%)	5 (10,6%)	
Programa de Extensão	-	-	1 (2,1%)	2 (4,3%)	3 (6,4%)	6 (12,8%)	
Programa de Pesquisa	-	1 (2,1%)	1 (2,1%)	3 (6,4%)	-	5 (10,6%)	
Total	2 (4,3%)	1 (2,1%)	18 (38,3%)	15 (31,9%)	11 (23,4%)	47 (100%)	

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Assim como pudemos aferir na tabela 12, na tabela 13 o grupo “grade curricular base” novamente apresenta o dado de maior destaque: 11 dos 22, ou 50%, afirmaram indiferença quanto à avaliação da percepção sobre os sindicalistas. Nenhum outro grupo apresentou números tão expressivos para uma alternativa específica. Portanto, reforçando uma tendência dos discentes com passagens em atividades extraclasse por respostas distribuídas com maior uniformidade entre as alternativas. De mesmo modo na tabela 12, a tabela 13 apresenta o total

de 47, diferentemente dos 39 (total de respondentes) esperados, pelo fato de alguns discentes terem participado de 2 ou 3 atividades extraclasse.

Como pontos finais a serem debatidos com o prisma das percepções acerca das figuras do empreendedor e do sindicalista, nas próximas tabelas (14 e 15) cruzaremos os dados encontrados na tabela 5 (percepções acerca das figuras) com o fator de conhecer pessoalmente empreendedores e/ou sindicalistas.

Tabela 14 – Conhecer pessoalmente x percepções dos respondentes sobre a figura do empreendedor

A figura do empreendedor é vista por mim positivamente.						
Conhece pessoalmente empreendedor s.	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
						14
Mais de 5	-	2 (5,1%)	2 (5,1%)	2 (5,1%)	8 (20,5%)	(35,9%)
4 ou 5	-	-	1 (2,6%)	1 (2,6%)	2 (5,1%)	(10,3%)
						4
2 ou 3	-	-	2 (5,1%)	6 (15,4%)	7 (18%)	(38,5%)
						15
1	-	-	-	-	-	-
						6
Não conheço	-	-	1 (2,6%)	1 (2,6%)	4 (10,3%)	(15,4%)
						6
Total	-	2 (5,1%)	6 (15,4%)	10 (25,6%)	21 (53,8%)	39 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Aparentemente, não há alteração significativa nos dados. Tal fato, justifica-se pelo comportamento dos dados encontrados tanto para quem afirmou “conhecer mais de 5” quanto para quem afirmou não conhecer empreendedores pessoalmente. “Mais de 5” apresenta a distribuição 57,1%, 14,3%, e 14,3%, enquanto o grupo “não conheço” traz 67,7%, 16,7% e 16,7%. Ademais, essa pequena diferença pode se justificar pelo maior volume de respondentes do grupo “Mais de 5”. Conclui-se que os 5 grupos demonstraram percepções semelhantes, e com a alternativa “concordo totalmente” sempre com os maiores valores.

Na tabela 15, traremos os dados relacionados às percepções sobre o sindicalista.

Tabela 15 – Conhecer pessoalmente x percepções dos respondentes sobre a figura do sindicalista

		A figura do sindicalista é vista por mim positivamente.					
Conhece pessoalment e e sindicalistas.		Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
Mais de 5	-	-	-	-	1 (2,6%)	1 (2,6%)	2 (5,1%)
4 ou 5	-	-	-	-	-	-	-
2 ou 3	-	-	4 (10,3%)	2 (5,1%)	1 (2,6%)	7 (18%)	
1	1 (2,6%)	-	3 (7,69%)	2 (5,1%)	1 (2,6%)	7 (18%)	
Não conheço	1 (2,6%)	1 (2,6%)	9 (23,08%)	7 (17,95%)	5 (12,82%)	23 (59%)	
Total	2 (5,1%)	1 (2,6%)	16 (41%)	12 (30,8%)	8 (20,5%)	39 (100%))

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Assim como encontrado na tabela 14, não foi possível identificar qualquer elemento de destaque entre os diferentes grupos de respondentes. As respostas se concentraram mais na alternativa indiferente, com aqueles que afirmaram não conhecer apresentando 39,1%, os que conhecem 1, 42, 9% e 57,1% para aqueles que conhecem 2 ou 3 empreendedores, e nos três casos foi a alternativa com mais respostas.

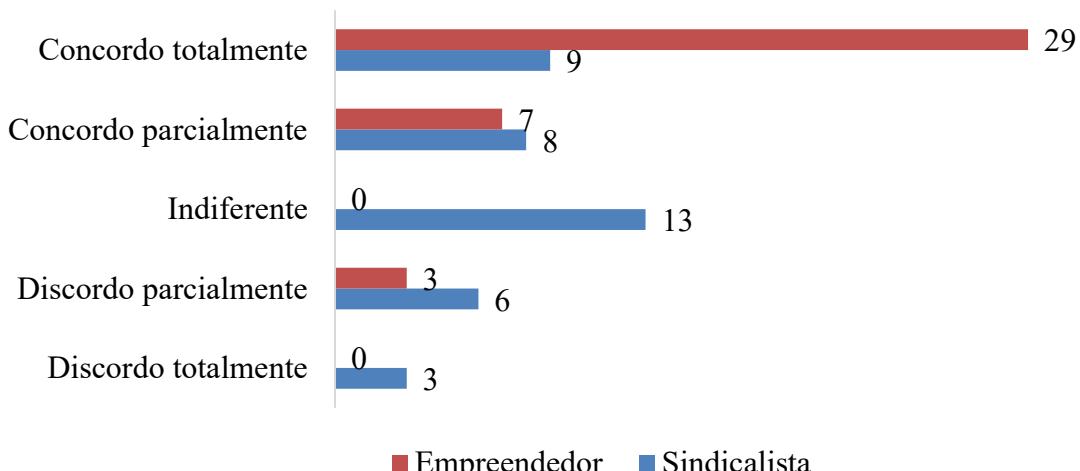
O grupo de discentes que afirmaram conhecer mais de 5 empreendedores mostra um comportamento um pouco diferente, mas pode se justificar pela baixa taxa de respostas deste grupo, contando com apenas 2 (5,1%) respondentes. Por fim, há um comportamento curioso para quem alegou não conhecer ou conhecer apenas 1 sindicalista: foram os únicos grupos de respondentes que afirmaram discordar (totalmente ou parcialmente) de uma percepção positiva sobre a figura do sindicalista, apresentando 5,1% e 2,6% das respostas, respectivamente.

4.3 IDENTIDADE EMPREENDEDORA X IDENTIDADE SINDICAL, SEGUNDO OS RESPONDENTES

Com a finalização do levantamento das percepções dos respondentes acerca das figuras do empreendedor e do sindicalista, a presente seção terá como intuito apresentar os dados obtidos com relação a identidade dos atores em voga, segundo os discentes da Administração.

Acerca desta temática, perguntou-se se ambas as figuras são percebidas como profissões. As respostas obtidas são apresentadas no gráfico 6, a seguir:

Gráfico 6 – Empreendedor e sindicalista enquanto profissões



Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

A partir do gráfico 6, percebe-se uma disparidade entre as percepções dos respondentes com relação às duas figuras de interesse da presente pesquisa. Tratando da figura do empreendedor, 29 respondentes disseram concordar totalmente com a afirmação de que ser empreendedor é uma profissão, enquanto apenas 9 respondentes disseram concordar totalmente com a afirmação de que ser sindicalista é uma profissão. Segundo, 3 respondentes ainda alegaram discordar totalmente de que ser sindicalistas seja uma profissão, enquanto nenhum respondente afirmou o mesmo com relação à figura do empreendedor.

Retomando o referencial teórico, Cardoso e Rodrigues (2009) jogaram luz ao fato de alguns sindicalistas não perceberem a própria atuação como uma profissão, independente de trabalharem com tarefas complexas, movimentando recursos financeiros significativos, ou atuarem em funções de direção. Paralelamente, encontrou-se resultado similar nos discentes inquiridos, dado que 23,08% responderam discordar - total ou parcialmente - com a afirmação de que ser sindicalista é uma profissão; para além, 33,33% disseram ser indiferentes. Em lado oposto, 92,31% dos respondentes afirmaram concordar total ou parcialmente com a afirmação de que ser empreendedor é uma profissão.

Tendo as mídias um papel significativo na formulação das percepções individuais e coletivas, mostra-se relevante entender como as figuras do empreendedor e do sindicalista são retratadas por elas. Com isso, levantou-se as percepções dos respondentes no que tange a representação das figuras nas mídias tradicionais (jornais, revistas, televisão) e digitais (plataformas de vídeo, redes sociais), disponíveis na tabela 16.

Tabela 16 – Retratação das figuras na mídia (tradicional e digital)

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
A figura do empreendedor é retratada positivamente nas mídias tradicionais.	-	3 (7,7%)	8 (20,5%)	18 (46,2%)	10 (25,6%)	39 (100%)
A figura do sindicalista é retratada positivamente nas mídias tradicionais.	3 (7,7%)	20 (51,3%)	12 (30,8%)	3 (7,7%)	1 (2,6%)	39 (100%)
Total	3	23	20	21	11	-
A figura do empreendedor é retratada positivamente nas mídias digitais.	1 (2,6%)	2 (5,1%)	8 (20,5%)	15 (38,5%)	13 (33,3%)	39 (100%)
A figura do sindicalista é retratada positivamente nas mídias digitais.	5 (12,8%)	15 (38,5%)	13 (33,3%)	4 (10,3%)	2 (5,1%)	39 (100%)
Total	6	17	21	19	15	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Como apresentado na tabela 16, 71,8% dos respondentes afirmaram que a figura do empreendedor é retratada positivamente (total ou parcialmente) nas mídias tradicionais. No

caso da figura do sindicalista, há uma queda nos números, com apenas 10,3% afirmando concordar que seja retratada positivamente. Ademais, 59% dos respondentes afirmaram discordar que o sindicalista seja retratado positivamente nas mídias tradicionais.

Com relação a retratação nas mídias digitais, os dados mantiveram comportamento semelhante. Quanto a concordar — total ou parcialmente — com a afirmativa de que o empreendedor é retratado positivamente nas mídias digitais, assim como nas mídias tradicionais, apresentou-se o número de 71,8% dos respondentes. Nas mídias digitais, o sindicalista recebeu 15,4% das respostas, 5,1% a mais do que nas mídias tradicionais. Depreende-se, também, que 51% responderam não perceber a figura do sindicalista sendo retratada positivamente. Portanto, segundo os respondentes, a figura do empreendedor costuma ser retratada positivamente nas mídias, enquanto a figura do sindicalista vai pelo caminho oposto.

Adiante, debruçar-se-á sobre a relação empreendedor x sindicalista, e se a atuação de um prejudica a atuação do outro.

Tabela 17 – Identidade empreendedora x identidade sindical: impacto da atuação de um sobre o outro

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
O						
empreendedor						
tem sua atuação	6 (15,4%)	7 (17,9%)	18 (46,2%)	6 (15,4%)	2 (5,1%)	39 (100%)
prejudicada por sindicalistas.)
O sindicalista						
tem sua atuação	7 (17,9%)	6 (15,4%)	20 (51,3%)	6 (15,4%)	-	39 (100%)
prejudicada por empreendedore)
s.						
Total	13	13	38	12	2	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Os dados presentes na tabela 17 pouco são capazes de elucidar a temática. Em discordo (total ou parcialmente), o percentual apresentado foi idêntico para as duas figuras, em ambos os casos ficando em 33,3%. Em oposição ao “discordo” (total ou parcialmente), que apresentou índices de 20,5% e 15,4%, aparentemente, há uma percepção, entre os inquiridos, de que a atuação de um não interfere na atuação do outro. Na alternativa “indiferente”, sendo esta a mais utilizada, quando questionados se a atuação dos empreendedores era prejudica por sindicalistas, obteve 18 (46,2%) respostas; quanto a atuação dos sindicalistas ser prejudica por empreendedores, averiguou-se 20 (51,3%) respostas.

A atuação do empreendedor e do sindicalista impacta positivamente a vida do trabalhador? Os dados coletados acerca das percepções dos inquiridos sobre essa temática serão postos na tabela 18.

Tabela 18 – Identidade empreendedora x identidade sindical: impacto positivo na vida do trabalhador

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
A atuação do empreendedor que impacta positivamente e a vida do trabalhador.	1 (2,6%)	3 (7,7%)	7 (17,9%)	18 (46,2%)	10 (25,6%)	39 (100%)
A atuação do sindicalista que impacta positivamente e a vida do trabalhador.	-	6 (15,4%)	7 (17,9%)	11 (28,2%)	15 (38,5%)	39 (100%)
Total	1	9	14	29	25	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Outra temática que apresenta dados praticamente espelhados para os dois atores (empreendedor e sindicalista), apresentando, portanto, pouca variação para cada um dos casos. O percentual de 71,8% dos respondentes alegaram perceber a atuação do empreendedor impactando positivamente a vida do trabalhador, e quando voltado para o impacto do sindicalista, 66,7% foi o número encontrado, uma pequena variação de 5,1%. Pode-se dizer que, no geral, os discentes do Bacharelado em Administração acreditam que ambos os atores são capazes de impactar positivamente a vida dos trabalhadores.

Na próxima tabela, aborda-se os dados obtidos sobre a percepção acerca da atuação dos atores e o impacto na economia.

Tabela 19 – Identidade empreendedora x identidade sindical: impacto positivo na economia

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
O empreendedor que impacta positivament e a economia.	-	2 (5,1%)	2 (5,1%)	17 (43,6%)	18 (46,2%)	39 (100%)
O sindicalista que impacta positivament e a economia.	1 (2,6%)	5 (12,8%)	17 (43,6%)	8 (20,5%)	8 (20,5%)	39 (100%)
Total	1	7	19	25	26	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

A partir da tabela 19, apreende-se que os inquiridos, em 89,8% das respostas, percebem o empreendedor impactando positivamente a economia, percepção esta que, ao se tratar do sindicalista, aparece em 41% das vezes. O número de respostas em “indiferente”, para o sindicalista, também merece destaque: 43,6% dos respondentes.

A seguir, na tabela 20, faz-se um comparativo entre as figuras, a fim de se entender se são percebidas como criativas.

Tabela 20 – Identidade empreendedora x identidade sindical: criatividade

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
O						
empreendedor é um indivíduo criativo.	-	-	7 (17,9%)	7 (17,9%)	25 (64,1%)	39 (100%)
O sindicalista é um indivíduo criativo.	4 (10,3%)	6 (15,4%)	23 (59%)	4 (10,3%)	2 (5,1%)	39 (100%)
Total	4	6	30	11	27	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Com o que fora apresentado na tabela 20, percebe-se, com clareza, grande disparidade nas percepções dos respondentes. O empreendedor foi retratado como criativo por 82% dos respondentes, sendo 64,1% de “concordo totalmente”. Quando perguntados sobre o sindicalista, obtivemos apenas 15,4% julgando-o como criativo, e sendo mais específico, 2 (5,1%) afirmaram concordar totalmente.

Destaca-se o fato de não se obter respostas que neguem ao empreendedor a característica de criatividade, algo que não se pode dizer da figura do sindicalista, visto que 25,7% (discordo parcial e totalmente) não o percebem como criativo. Por fim, a figura do sindicalista obteve maior número de respostas na alternativa “indiferente”, representando 59% dos respondentes.

Continuando, abordar-se-á a característica de boa eloquência dos atores da pesquisa, se tal característica é percebida pelos respondentes.

Tabela 21 – Identidade empreendedora x identidade sindical: possuidor de boa eloquência/comunicação

	Discordo totalme- nte	Discordo parcialme- nte	Indiferen- te	Concordo parcialme- nte	Concordo o totalmen- te	Total
O empreendedor é						
um indivíduo com boa eloquência/comunica- ção.	-	2 (5,1%)	15 (38,8%)	12 (30,8%)	10 (25,6%)	39 (100
O sindicalista é um						
indivíduo com boa eloquência/comunica- ção.	1 (2,6%)	3 (7,7%)	6 (15,4%)	15 (38,8%)	14 (35,9%)	39 (100
Total	1	5	21	27	24	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Segundo os dados da tabela 21, em pouco se difere a percepção dos respondentes para as duas figuras (empreendedor e sindicalistas). Há uma sutil diferença em concordo parcial e totalmente, com o sindicalista recebendo valores maiores, totalizando 74,7% das respostas, enquanto o empreendedor aparece com 56,4%. Na alternativa “indiferente”, porém, o empreendedor recebeu seu maior número de respostas: 38,8%. Ou seja, pode-se afirmar que os atores são percebidos como possuidores de boa eloquência/comunicação.

A seguir, os dados sobre a capacidade de liderança dos atores da pesquisa serão dispostos a seguir, na tabela 22.

Tabela 22 – Identidade empreendedora x identidade sindical: capacidade de liderança

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
O						
empreendedor possui capacidade de liderança.	-	1 (2,6%)	15 (38,8%)	9 (23,1%)	14 (35,9%)	39 (100%)
O sindicalista possui capacidade de liderança.	1 (2,6%)	2 (5,1%)	6 (15,4%)	20 (51,3%)	10 (25,6%)	39 (100%)
Total	1	3	21	29	24	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Os dados revelados acima apresentam características similares aos da tabela 21. Nas alternativas “concordo” (totalmente e parcialmente), o empreendedor recebeu 59% das respostas; o sindicalista, com um pequeno aumento, recebeu 76,9%. Porém, quando se restringe ao “concordo totalmente”, a figura aparece sendo retratada por 35,9% dos respondentes, 10,3% a mais que a figura do sindicalista. No geral, aponta-se que os respondentes percebem ambos com capacidade de liderança. De mesmo modo ao que apareceu na tabela 21, o empreendedor também recebeu seu maior número de respostas na alternativa “indiferente”, com a participação de 38,8% dos respondentes.

Buscando-se apreender se os respondentes acreditam que os atores podem influenciar positivamente as pessoas, abaixo seguem os dados:

Tabela 23 – Identidade empreendedora x identidade sindical: capacidade de influenciar positivamente as pessoas

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
O						
empreendedor é capaz de influenciar positivament e as pessoas.	-	1 (2,6%)	9 (23,1%)	16 (41%)	13 (33,3%)	39 (100%)
O sindicalista é capaz de influenciar positivament e as pessoas.	1 (2,6%)	2 (5,1%)	10 (25,6%)	13 (33,3%)	13 (33,3%)	39 (100%)
Total	1	3	19	29	26	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Pode-se dizer que ambas as figuras foram retratadas de maneira igual. Os respondentes, por exemplo, trazem 33,3% de respostas na alternativa “concordo totalmente” para as figuras. Em “indiferente”, a diferença é mínima: 23,1% para o empreendedor e 25,6% para o sindicalista.

Com 29 (74,3%) e 26 (66,6%) respostas, empreendedores e sindicalistas, respectivamente, são percebidos como capazes de influenciar positivamente as pessoas, segundo os inquiridos.

Na tabela 24, estão apresentados os dados relacionados à finalidade da atuação dos atores da pesquisa, se é percebida como voltada para interesses coletivos, segundo os respondentes.

Tabela 24 – Identidade empreendedora x identidade sindical: atuação voltada para interesses coletivos

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
O empreendedor						
atua visando interesses coletivos.						
r atua visando interesses coletivos.	1 (2,6%)	14 (35,9%)	12 (30,8%)	5 (12,8%)	7 (17,9%)	39 (100%)
O sindicalista						
atua visando interesses coletivos.	- -	- -	4 (10,3%)	10 (25,6%)	25 (64,1%)	39 (100%)
Total	1	14	16	15	32	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Nesta temática, percebe-se uma clara divisão nas percepções sobre o empreendedor. Por exemplo, 30,7% apontam que o empreendedor atua visando interesses coletivos, 38,5% discordam dessa percepção, além de 30,8% de indiferentes.

Quando é trazido o olhar para o sindicalista, 89,7% dos respondentes apontam que há na atuação interesses coletivos, e apenas 10,3% de indiferentes — além de nenhuma resposta discordando da afirmativa.

Se as figuras são percebidas como ponderadas/equilibradas pelos respondentes, é o que traremos na tabela 25, disposta adiante:

Tabela 25 – Identidade empreendedora x identidade sindical: ponderação e equilíbrio

	Discordo totalmen- te	Discordo parcialmen- te	Indiferen- te	Concordo parcialmen- te	Concordo o totalmen- te	Total
O empreendedor é						
um indivíduo	-	3	22	11	3	39
ponderado/equilibra	-	(7,7%)	(56,4%)	(28,2%)	(7,7%)	(100%)
do.						
O sindicalista é um						
indivíduo	1	3	21	10	4	39
ponderado/equilibra	(2,6%)	(7,7%)	(53,8%)	(25,6%)	(10,3%)	(100%)
do.						
Total	1	6	43	21	7	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Mais uma temática em que ambos os atores (empreendedor e sindicalista) apresentam dados muito parecidos, como fica claro na tabela 25. Em nenhuma alternativa encontramos mais de 1 resposta de diferença entre os atores, ou seja, 2,6% é o maior índice que aparece para diferenciação.

Ademais, os respondentes apontam para uma indiferença quanto a capacidade de ponderação — e equilíbrio — dos atores, já que foi a alternativa mais frequente para ambos, com o empreendedor recebendo 56,4% e o sindicalista, 53,8% das respostas. A segunda alternativa mais utilizada foi “concordo parcialmente”, com 28,2% e 25,6% das respostas para empreendedor e sindicalista, respectivamente.

A capacidade de articulação, é o que será disposto na tabela 26.

Tabela 26 – Identidade empreendedora x identidade sindical: capacidade de articulação com diferentes setores

	Discordo totalmen te	Discordo parcialmen te	Indiferen te	Concordo parcialmen te	Concord o totalmen te	Total
O empreendedor						
possui boa capacidade de articulação com diferentes setores/pessoas/gru pos.	-	2 (5,1%)	14 (35,9%)	10 (25,6%)	13 (33,3%)	39 (100
O sindicalista						
possui boa capacidade de articulação com diferentes setores/pessoas/gru 	-	1 (2,6%)	9 (23,1%)	10 (25,6%)	19 (48,7%)	39 (100
Total	-	3	23	20	32	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Depreende-se, após análise dos dados disponíveis na tabela 26, que empreendedores e sindicalistas são percebidos pelos respondentes como sendo capazes de articulação com diferentes setores/pessoas/grupos. Os dados estão distribuídos em 58,9% e 74,3% para empreendedores e sindicalistas, respectivamente. A diferença de 15,4% é fruto da alternativa “concordo totalmente”, alternativa esta que apresenta 6 respostas a mais para o perfil do sindicalista. “Indiferente” foi uma alternativa bastante utilizada pelos respondentes, na qual o perfil do empreendedor recebeu 35,9% das respostas e o perfil do sindicalista 23,1%, apresentando 12,8% a mais para o empreendedor.

De maneira ampla, a percepção dos inquiridos foi similar para ambas as figuras, com pequenas variações em “concordo totalmente” e “indiferente”, principalmente.

Na tabela 27, a inquirição sobre esta temática teve como objetivo descobrir se os respondentes percebem o empreendedor e o sindicalista como indivíduos propensos a correr riscos.

Tabela 27 – Identidade empreendedora x identidade sindical: propensão a correr riscos

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
O						
empreendedor é propenso a correr riscos.	-	-	1 (2,6%)	12 (30,8%)	26 (66,7%)	39 (100%)
O sindicalista é propenso a correr risco.	4 (10,3%)	6 (15,4%)	15 (38,5%)	6 (15,4%)	8 (20,5%)	39 (100%)
Total	4	6	16	18	34	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Claramente, pode-se afirmar que o empreendedor é percebido, pelos respondentes, como propenso a correr riscos. A alternativa “concordo totalmente” recebeu 66,7% das respostas; em concordo total e parcialmente, o valor sobe para expressivos 97,5% das respostas. Ainda sobre o empreendedor, nenhum respondente fez uso das alternativas “discordo totalmente” ou discordo “parcialmente”. Em contrapartida, o sindicalista, em concordo total ou parcialmente, recebeu 35,9% das afirmações. Continuando, 38,5% dos respondentes apontaram indiferença e 25,7% discordaram (totalmente e parcialmente) da afirmativa.

Na tabela 28, a seguir, traz-se os números obtidos das percepções dos respondentes acerca da influência dos atores no cenário político, e se esta influência seria positiva.

Tabela 28 – Identidade empreendedora x identidade sindical: influência positiva no cenário político

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
O						
empreendedor influencia positivament e o cenário político.	1 (2,6%)	5 (12,8%)	14 (35,9%)	14 (35,9%)	5 (12,8%)	39 (100%)
O sindicalista influencia positivament e o cenário político.	2 (5,1%)	1 (2,6%)	15 (38,5%)	10 (25,6%)	11 (28,2%)	39 (100%)
Total	3	6	29	24	16	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

Em concordo total ou parcialmente, as percepções dos inquiridos foram bastante semelhantes, com a visão sobre o empreendedor apresentando 48,7% e sobre o sindicalista, 53,8% das respostas. Se isolarmos a alternativa “concordo totalmente”, a percepção sobre a influência do sindicalista fica à frente, com 11 (28,2%) respostas, representando um acréscimo de 6 (15,4%) respostas se comparada a percepção sobre o empreendedor. Já em discordar (totalmente ou parcialmente) da afirmativa, encontrou-se 15,4% e 7,7%, direcionadas para o empreendedor e o sindicalista, respectivamente.

Por meio dos dados disponíveis, depreende-se uma tendência — mesmo que sutil — nos respondentes em perceberem o sindicalista como capaz de influenciar positivamente o cenário político, pois apresentou números mais em “concordo” e menores em “discordo”, em comparação ao empreendedor.

Concluindo este subtópico, e ainda sobre o cenário político, na tabela 29 aparecem os dados obtidos sobre a percepção dos respondentes sobre influência política e os atores em voga, e se estes (atores) teriam como objetivo angariar essa influência.

Tabela 29 – Identidade empreendedora x identidade sindical: objetivo de angariar influência política

	Discordo totalment e	Discordo parcialment e	Indiferent e	Concordo parcialment e	Concordo totalment e	Total
O						
empreendedor						
r tem como objetivo angariar	5 (12,8%)	9 (23,1%)	14 (35,9%)	8 (20,5%)	3 (7,7%)	39 (100%)
influência política.						
O sindicalista						
tem como objetivo angariar	1 (2,6%)	2 (5,1%)	13 (33,3%)	12 (30,8%)	11 (28,2%)	39 (100%)
influência política.						
Total	6	11	27	20	14	-

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

De acordo com os dados da tabela 29, o empreendedor é percebido de maneira diversa, mas com as alternativas centralizadas (discordo parcialmente, indiferente e concordo parcialmente) aparecendo com maior número de respostas. “Indiferente” foi a alternativa mais utilizada pelos respondentes ao se referirem se o empreendedor objetivava angariar influência política, sendo responsável por 35,9% das respostas.

O sindicalista foi percebido de modo distinto: por mais que apresentasse “indiferente” com maior número de respostas (33,3%), 59% dos respondentes concordaram total ou parcialmente com a afirmativa de que teria interesse em angariar influência política, 30,8% a mais do que o verificado para o empreendedor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o destaque recebido pela figura do empreendedor por parte de estudiosos e acadêmicos e, em especial, pelas mídias tradicionais (jornais, revistas, televisão) e digitais (plataformas de vídeo, redes sociais), motivou a feitura desta pesquisa. Em oposição ao que ocorre com a figura do sindicalista, raramente utilizado como objeto de pesquisas em estudos organizacionais.

A pesquisa em destaque teve como objetivo geral obter um panorama sobre a percepção identitária que os discentes do curso de Bacharelado em Administração da UFJF possuem acerca da identidade dos atores empreendedor e sindicalista. Devido ao caráter de pesquisa descritiva básica, fez-se uso do método de *survey* para levantamento dos dados, sendo estes recolhidos através de aplicação de questionário fechado, predominantemente em escala Likert, numa abordagem quantitativa de amostragem não-probabilística, visto que os respondentes foram delimitados por meio de amostragem por julgamento.

Com os resultados obtidos, o objetivo geral e os específicos foram devidamente alcançados. Como objetivos específicos, tinha-se: identificar a posição dos discentes do curso de Bacharelado Administração da UFJF quanto aos atores analisados; verificar se há disparidade na percepção dos discentes com relação aos atores a depender do perfil levantado (idade, sexo, conhecerem pessoalmente empreendedores e sindicalistas); analisar a influência das mídias na formalização das identidades dos atores no imaginário dos discentes do curso de Bacharelado em Administração da UFJF; e identificar se a trajetória acadêmica individual dos discentes do curso de Bacharelado Administração da UFJF influencia suas percepções com relação aos atores analisados.

Para tanto, os dados sobre o interesse em atuar como empreendedor ou sindicalista foram descritos. Por meio dos dados obtidos, 24 (62%) respondentes concordaram com a possibilidade de atuar como empreendedor; voltada para a atuação enquanto sindicalista, apenas 1 (2,6%) respondente alegou concordar com essa possibilidade. Corroborando com o discorrido acima, não se ver atuando como empreendedor recebeu o número de 5 (12,8%) respostas, e para atuar como sindicalista, 32 (82%) discentes não têm interesse. Quando indagados sobre perceberem positivamente as figuras, 79,5% dos respondentes concordaram, acerca do empreendedor, e para o sindicalista, 51,3%.

Voltados para a variável idade, só foi possível perceber uma tendência dos grupos mais jovens em avaliarem positivamente a figura do empreendedor. Como exemplo, 8 dos 11 respondentes entre 19 e 20 anos afirmaram “concordar totalmente” com uma avaliação positiva

da figura do empreendedor. Sobre a variável sexo, as mulheres penderam para uma avaliação mais positiva da figura do empreendedor. Justificando, 86,2% das respondentes mulheres disseram concordar com uma avaliação positiva. Já com relação aos homens, 60% afirmaram também possuir uma avaliação positiva sobre a figura do empreendedor, número 26,2% menor ao exposto pelas mulheres. Indagados sobre o sindicalista, não houve diferença aparente de percepção entre homens e mulheres.

Sobre a retratação das figuras (empreendedor e sindicalista) pela mídia (tradicional e digital), os dados encontrados foram: para 51,8% e 71,8% dos respondentes, a figura do empreendedor é retratada positivamente; para a figura do sindicalista, encontrou-se 10,3% e 15,4% das respostas para retratação positiva. Portanto, segundo os dados dispostos, a figura do empreendedor costuma ser retratada positivamente nas mídias, enquanto a figura do sindicalista fica negligenciada.

Trazendo o prisma para a trajetória acadêmica dos discentes, verificou-se 15 (68,2%) dos 22 respondentes da “grade curricular base” concordando totalmente com a afirmativa “a figura do empreendedor é vista por mim positivamente”. As demais alternativas obtiveram 18,2%, 9,1% e 4,5%, excetuando-se “discordo totalmente”, que apresentou nenhuma resposta. Assim como pudemos identificar acima, agora questionados sobre a figura do sindicalista, o grupo “grade curricular base” novamente apresenta o dado de maior destaque: 11 dos 22, ou 50%, afirmaram indiferença quanto à avaliação da percepção sobre os sindicalistas. Nenhum outro grupo apresentou números tão expressivos para uma alternativa específica. Portanto, depreende-se que os discentes com vivência mais ampla, apontando para maior imersão no ambiente universitário, penderam para respostas distribuídas mais uniformemente entre as alternativas dispostas, enquanto os distribuídos no grupo “grade curricular base” avaliaram positivamente (total ou parcialmente) o empreendedor em 86,4% das respostas e o sindicalista, em 40,9%.

Como limitações da presente pesquisa, encontra-se no fato de ter se debruçado sobre os dados recolhidos de apenas um curso, e inserido numa única instituição de ensino superior. Além disso, obter significativa adesão ao questionário e o tempo limite para a conclusão desta pesquisa, foram os principais desafios enfrentados. Em decorrência desse fato, recolheu-se o total de 39 respostas válidas. Ademais, por ser uma pesquisa descritiva básica, não é possível mensurar a real influência das questões postas sobre as percepções dos discentes respondentes.

A presente pesquisa contribui para o debate científico acerca da formação da identidade empreendedora e da identidade sindical, uma vez que analisa essa temática a partir da percepção de discentes universitários, especificamente do curso Bacharelado em Administração da

Universidade Federal de Juiz de Fora – câmpus sede, sendo estes respondentes relevantes dado que estão ligados a um curso que lida com as figuras em destaque (empreendedor e sindicalista). Por fim, ressalta-se as arestas levantadas que possam vir a estimular a elaboração de pesquisas futuras. Devido às limitações acima expostas e o enfoque nos discentes do Bacharelado em Administração da UFJF, estender a lógica da pesquisa para outros cursos se apresenta com um caminho relevante, ou até para todos os cursos referentes à mesma instituição (UFJF). Outro cenário intrigante seria a inclusão de resultados obtidos em outras instituições de ensino superior, com isso gerando um material mais amplo e com vários caminhos para cruzamento de dados, como, por exemplo, obter um recorte entre instituições de ensino públicas x privadas.

REFERÊNCIAS

“NUNCA foi tão difícil ser sindicalista como nesse momento”. Entrevista especial com Anselmo Ruoso. **Instituto Humanitas Unisinos**, 2007. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/9205-nunca-foi-tao-dificil-ser-sindicalista-como-nesse-momento-entrevista-especial-com-anselmo-ruoso>>. Acesso em: 07 de out. de 2021.

ACCARINI, A. CUT e movimentos se unem para ajudar o povo que foi abandonado pelo governo federal. **CUT – Central Única dos Trabalhadores**, 26 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/cut-e-movimentos-se-unem-para-ajudar-o-povo-que-foi-abandonado-pelo-governo-fede-a599>>. Acesso em: 25 de jan. de 2026.

ANTUNES, R.; SILVA, J. B. da. Para onde foram os sindicatos? Do sindicalismo de confronto ao sindicalismo negocial. **Caderno CRH**, Salvador, vol. 28, n.75, p. 511-528, set.-dez. 2015.

CAMPOS, A.; SOEIRO, J. **A Falácia do Empreendedorismo**. – 1^a ed. – Lisboa: Bertrand, 2016.

CARDOSO, A. M.; RODRIGUES, L. M. **Força sindical: uma análise sociopolítica**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

CASAQUI, V. A construção do papel do empreendedor social: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 29, p. 44-56, jun. 2015.

CASAQUI, V. Concepções e significados do empreendedorismo social no Brasil e em Portugal: crise, performance e bem comum. **Observatorio Journal**, v. 8, n. 2, 2014.

DE CASTRO, R. M. M.; DIAS, F. L.; DE SOUSA, G. G.; AMARAL, T. F. M. C. As pesquisas qualitativas, quantitativas e seus procedimentos. **HUMANIDADES E TECNOLOGIA (FINOM)**, vol. 49, jul.-set. 2024.

DE OLIVEIRA, R. V. Sindicalismo brasileiro: que caminhos seguir? **Friedrich-Ebert-Stiftung (FES)**, São Paulo, 2020.

ELIAS, N. **A sociedade dos Indivíduos**. – 1^a ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. – 1^a ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ÉSTHER, A. B. **A construção da identidade gerencial dos gestores da alta administração das universidades federais em Minas Gerais**. CEPEAD/FACE/UFMG, Belo Horizonte, 2007.

FORTES, A. O maior pelego do mundo? Fidel Velázquez e o sindicalismo oficial no México pós-revolucionário. **Est. Hist.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 459-478, jul.-dez. 2009.

FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; SACCOL, A. Z.; MOSCAROLA, J. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração**, São Paulo, v.35, n.3, p. 105-112, jul.-set. 2000.

- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** – 4^a ed. – São Paulo: Atlas, 2002.
- PAIVA, A. D. S.; ARANTES, F. P.; PAGOTTO, D. P.; & BORGES JUNIOR, C. V. Empreendedorismo na mídia: uma análise das matérias publicadas em um veículo de comunicação nacional. **Revista Alcance (online)**, Itajaí, v. 30, n. 1, p. 53-72, jan.-abr. 2023.
- SANTANA, M. A. Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS**, Vol. 14 n. 41, out. 1999.
- SANTANA, M. A. As centrais sindicais brasileiras e a reestruturação produtiva: análises e propostas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 2, n. 4, p. 186-225, jul.-dez. 2000.
- SILVEIRA, D. T; CÓRDOVA, F. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org). **Métodos de Pesquisa.** – 1^a ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 31-42, 2009.
- TEIXEIRA, E. B. A análise de dados na pesquisa científica: importância e desafios em estudos organizacionais. **Desenvolvimento em Questão**, v. 1, n. 2, p. 177-201, 2003.
- VELUDO-DE-OLIVEIRA, T. Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. **Administração On Line: Prática – Pesquisa – Ensino**, v. 2, n. 3, jul.- set. 2001.
- ZEN, A. C.; FRACASSO, E. M. Quem é o empreendedor? As implicações de três revoluções tecnológicas na construção do termo empreendedor. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 8, Edição Especial, nov./dez. 2008.

APÊNDICE 1 – Questionário aplicado aos respondentes

Curso em que está matriculado:

Idade:

Sexo:

Feminino Masculino Intersexo Prefiro não dizer

Com qual gênero você se identifica:

Feminino Masculino Não binário Outros Prefiro não dizer

Semestres cursados (contando com o atual):

Até 2 () 3–4 () 5–6 () 7–8 () 9–10 () Mais de 10

Participa ou participou de Agremiação Estudantil (Ex.: Diretório Acadêmico, Diretório Central dos Estudantes)?

Sim Não

Participa ou participou de Empresa Júnior (Ex.: Campe)?

Sim Não

Participa ou participou de Programa de Extensão (Ex.: Critt, Monitoria)?

Sim Não

Participa ou participou de Programa de Pesquisa (Ex.: Iniciação Científica)?

Sim Não

Conhece pessoalmente empreendedores?

Não () 1 () 2–3 () 4–5 () Mais de 5

Conhece pessoalmente sindicalistas?

Não () 1 () 2–3 () 4–5 () Mais de 5

Avaliando a figura do empreendedor

Sou um empreendedor.

1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

Ser empreendedor é uma profissão.

1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

Tenho interesse em ser um empreendedor.

1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A figura do empreendedor foi retratada em sala de aula.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A figura do empreendedor foi retratada positivamente em sala de aula.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A figura do empreendedor é retratada positivamente nas mídias tradicionais (jornais, revistas, televisão).

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A figura do empreendedor é retratada positivamente nas mídias digitais (plataformas de vídeo, redes sociais).

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A figura do empreendedor é vista por mim positivamente.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor tem sua atuação prejudicada por sindicalistas.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A atuação do empreendedor impacta positivamente a vida do trabalhador.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor impacta positivamente a economia.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor é um indivíduo criativo.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor é um indivíduo com boa eloquência/comunicação.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor possui capacidade de liderança.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor é capaz de influenciar positivamente as pessoas.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor atua visando interesses coletivos.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor é um indivíduo ponderado/equilibrado.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor possui boa capacidade de articulação com diferentes setores/pessoas/grupos.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor é um indivíduo propenso a correr riscos.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor influencia positivamente o cenário político.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O empreendedor tem como objetivo angariar influência política.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

Avaliando o sindicalista

Sou um sindicalista.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

Ser sindicalista é uma profissão.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

Tenho interesse em ser um sindicalista.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A figura do sindicalista foi retratada em sala de aula.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A figura do sindicalista foi retratada positivamente em sala de aula.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A figura do sindicalista é retratada positivamente nas mídias tradicionais (jornais, revistas, televisão).

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A figura do sindicalista é retratada positivamente nas mídias digitais (plataformas de vídeo, redes sociais).

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A figura do sindicalista é vista por mim positivamente.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista tem sua atuação prejudicada por sindicalistas.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

A atuação do sindicalista impacta positivamente a vida do trabalhador.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista impacta positivamente a economia.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista é um indivíduo criativo.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista é um indivíduo com boa eloquência/comunicação.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista possui capacidade de liderança.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista é capaz de influenciar positivamente as pessoas.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista atua visando interesses coletivos.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista é um indivíduo ponderado/equilibrado.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista possui boa capacidade de articulação com diferentes setores/pessoas/grupos.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista é um indivíduo propenso a correr riscos.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista influencia positivamente o cenário político.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente

O sindicalista tem como objetivo angariar influência política.

() 1 - Discordo totalmente () 2 – Discordo parcialmente () 3 – Indiferente

() 4 – Concordo parcialmente () 5 - Concordo totalmente